

A close-up photograph of a dog's face, showing its eyes and fur in shades of brown and white. The dog is looking slightly to the left.

*A maior
e mais
completa
pesquisa
sobre a
sobrevivência
da alma
animal*

A ALMA NOS ANIMAIS

A ligação especial entre o homem e o animal

ERNESTO BOZZANO



Ernesto Bozzano
A Alma nos Animais

Incluindo Apêndice com
Relação de obras de Ernesto Bozzano

Título do original italiano
Ernesto Bozzano - Animali e Manifestazioni Metapsichici
Tipografia Dante, Città della Pieve 1941



Giotto Giotto di Bondone - Sermão aos pássaros



Conteúdo resumido

A literatura registra, ainda que de forma esparsa, diversos casos de fenômenos paranormais envolvendo animais de espécies variadas – em especial cães, cavalos e gatos –, cujas aparições *post-mortem* provocaram espanto e perplexidade.

Nesta obra Ernesto Bozzano apresenta mais de uma centena de casos de fenômenos supranormais, classificando-os conforme o tipo de fenômeno, e baseia-se em uma fundamentação científi-

ca para demonstrar a sobrevivência da psique animal em relação à morte do corpo físico, assim como ocorre nos seres humanos.

A sua pesquisa é estruturada em duas grandes diretrizes: a capacidade de clarividência de alguns animais em manifestações de seres desencarnados e os casos de aparição *post-mortem* de fantasmas de animais, percebida por seres humanos e mesmo por animais vivos.

Sumário

Razões para ler Ernesto Bozzano 4

Introdução

As manifestações metapsíquicas e os animais 7

Primeira categoria

Alucinações telepáticas em que o animal é o agente..... 10

Segunda categoria

Alucinações telepáticas em que o animal é o percipiente 44

Terceira categoria

Animal e homem percebem alucinações telepáticas coletivamente 48

Quarta categoria

Visões de Espíritos ocorridas sem coincidência telepática e percebidas por homens e por animais..... 62

Quinta categoria

Animais e pressentimentos de morte..... 85

Primeiro subgrupo

Manifestações de morte percebidas coletivamente por homens e por animais 86

Segundo subgrupo

Aparições de animais sob a forma premonitório-simbólica..... 89

Terceiro subgrupo

Pressentimentos de morte em que animais são percipientes.... 91

Sexta categoria	
Animais e fenômenos de assombração.....	99
Primeiro subgrupo	
Animais que percebem coletivamente com o homem as manifestações de assombração	99
Segundo subgrupo	
Aparições de animais em locais assombrados	112
Sétima categoria	
Materializações de animais	128
Oitava categoria	
Aparições de fantasmas de animais identificados	139
Conclusões	
À espera do veredicto da Ciência	166
Apêndice	
Obras de Ernesto Bozzano	177

Razões para ler Ernesto Bozzano

“Todos os seres da criação são filhos do Pai e irmãos do homem... Deus quer que auxiliemos aos animais, se necessitarem de ajuda.

Toda criatura em desamparo tem o mesmo direito à proteção”.

Francisco de Assis

Um homem experimenta a solidão mesmo junto de outras pessoas – não há tristeza maior que a desses solitários –, mas quem desfruta a companhia de um animal de estimação jamais se sentirá só. Um cão alegre e diverte as crianças e se torna o esteio moral de idosos esquecidos pelos seus. Não é menos fascinante a companhia de um gato. Esses felinos são capazes de exprimir sentimentos e emoções – afeto, alegria, fome, sede, irritação, medo – de modo a sempre se fazerem compreender. Uma coincidência muito interessante é que nos gatos e nos seres humanos a parte do cérebro responsável pelas emoções é a mesma. No reino animal o quociente de inteligência do gato só é superado pelo de alguns símios, como os chimpanzés. Aliás, a estrutura cerebral do gato é mais semelhante à do homem do que a deste com a dos cães.

Há pelo menos quatro milênios, no Antigo Egito, os gatos já eram animais domésticos e, mais, objetos de uma adoração como se deuses fossem. Naquela época, matar um gato constituía crime punível com pena de morte.

Mais recentemente, o cientista alemão Wilhelm Von Humboldt (1767-1835) escreveu que “o grau de civilização de um povo se mede pela forma com a qual trata os animais”; Léon Tolstoi (1828-1910), romancista russo, afirmou: “Maltratar animais é uma demonstração de covardia e ignorância”.

Embora não sejam dotados da capacidade de raciocinar – expressam apenas sentimentos e emoções – alguns animais são capazes de demonstrar afeto e fidelidade de uma forma tão sincera e permanente que enternecem alguns dos corações mais empedernidos. Certos cães protagonizaram, em todas as épocas, episódios inesquecíveis de heroísmo e dedicação a seus donos. A literatura registra – desde Esopo, na Grécia Antiga, a Ernesto Bozzano, nos tempos modernos – incontáveis casos em que animais desempenham papéis notáveis, muitas vezes de um modo misterioso e inexplicável.

Esta obra de Ernesto Bozzano – originalmente intitulada, em italiano, *Animali e Manifestazioni Metapsichici (Os Animais e as Manifestações Metapsíquicas)*, publicada em 1923 e traduzida neste volume sob o título *A Alma nos Animais* – apresenta uma criteriosa pesquisa em torno da fenomenologia paranormal envolvendo animais. Cerca de 130 casos foram analisados e classificados pelo autor com a máxima isenção, na medida do possível, deixando ao leitor a prerrogativa de tirar conclusões. Bozzano não oculta sua condição de espiritista, especialmente nos trechos finais do livro, mas administra sua exposição com exemplar elegância científica, sem tentar fazer do leitor um prosélito. A propósito, esta edição apresenta 29 notas explicativas, muitas das quais elaboradas com esse viés, qual seja o de contextualizar alguns conceitos eventualmente estranhos ao leitor.

Nascido em Gênova, Itália, no dia 9 de janeiro de 1862, onde também morreu, em 24 de junho de 1943, Bozzano interessou-se inicialmente, ainda na adolescência, pelo pensamento filosófico do inglês Herbert Spencer (1820-1903) e pela filosofia positivista do francês Augusto Comte (1798-1857), depois, até o fim da vida, em sentido diametralmente oposto, dedicou-se à pesquisa da fenomenologia metapsíquica: aparições, clarividência, levitação, psicomетria, materialização, telepatia, premonição, etc.. Concentrou-se, por fim, no estudo da “Ciência da alma”. Este é um de seus livros mais significativos, em que busca evidências a favor da tese da existência e sobrevivência da alma nos animais,

objetivo que perseguiu com persistência e a aplicação sistemática de metodologia científica.

Atualmente a bibliografia de Ernesto Bozzano está sob os cuidados da Fondazione Biblioteca Bozzano-De Boni, em Bolonha, Itália.

Caio Bastos Toledo

Introdução

As manifestações metapsíquicas e os animais

Assinala-se, com freqüência, que as manifestações metapsíquicas nas quais os homens aparecem como agentes ou percipientes são conhecidas desde há muito tempo por todos os povos. Ora, não se poderia dizer o mesmo para os fatos nos quais o papel de *agente* ou de *percipiente* é feito por animais.

Naturalmente, as manifestações metapsíquicas em que os protagonistas são animais podem ser circunscritas em limites de realização mais modestos do que nos casos em que os protagonistas são seres humanos. Esses limites correspondem às capacidades intelectuais das espécies animais em que os casos se produzem; no entanto, elas se mostram mais dignas de nota do que se poderia supor a princípio. Entre esses fenômenos encontram-se, de fato, episódios telepáticos nos quais os animais não fazem somente o papel de *percipiente*, mas também o de *agente*, episódios relativos aos animais que percebem, ao mesmo tempo que o homem, entidades e outras manifestações paranormais, fora de qualquer coincidência telepática; e, finalmente, episódios em que os animais percebem, tal qual o homem, as manifestações que se produzem em lugares assombrados. É necessário ainda acrescentar a essas categorias episódios de materialização de fantasmas animais, obtidos experimentalmente, e, por fim, aparições *post-mortem* de fantasmas animais *identificados*, situação esta que ostenta uma importância teórica respeitável, uma vez que ela fundamenta a hipótese da sobrevivência da alma nos animais.

A análise dessa ramificação dos fenômenos metapsíquicos foi completamente negligenciada até o momento, apesar de, nas revistas metapsíquicas e, sobretudo, nas coleções dos *Proceedings* e do *Journal* da excelente *Society for Psychical Research* de Londres, ser possível encontrar inúmeros casos desse tipo. Porém, esses casos nunca foram reunidos, classificados e estudados por ninguém; aliás, escreveu-se e discutiu-se bem pouco a

seu respeito. Portanto, não há muita coisa a ser resumida em relação às teorias que foram formuladas sobre esse assunto.

Destacarei somente que, nos comentários de certos casos isolados pertencentes à classe mais numerosa dos fenômenos em questão – aquela em que os animais percebem tal como o homem as manifestações de telepatia ou de assombração –, propõe-se a hipótese segundo a qual as percepções psíquicas dessa natureza seriam explicadas a partir de um fenômeno alucinatorio criado pelos centros de idealização de um agente humano e em seguida transmitido inconscientemente aos centros homólogos do animal percipiente presente.

Para a outra categoria de fenômenos, e, mais precisamente, para aquela relativa às aparições de fantasmas de animais, supõe-se um fenômeno de alucinação puro e simples da parte do indivíduo percipiente. Porém, a análise comparada dos fatos mostra que freqüentemente os fantasmas animais são percebidos coletivamente e sucessivamente: eles se identificam, além disso, com os animais que viveram e morreram naquele local; e isto sem contar o fato de que os percipientes ignoravam que os animais vistos naquelas condições tivessem existido.

Desse modo, é necessário concluir que, de uma maneira geral, as duas hipóteses aqui apresentadas são insuficientes para dar conta dos fatos. Tal conclusão tem grande importância teórica, uma vez que nos leva a admitir a existência de uma subconsciência animal, depositária das mesmas faculdades paranormais existentes na subconsciência humana; ao mesmo tempo, ela nos leva a reconhecer a possibilidade de *aparições verídicas* de fantasmas animais.

Dessa conclusão se depreende todo o valor científico e filosófico desse novo ramo de pesquisa psíquica. Ela nos possibilita prever que em breve teremos que considerá-la se quisermos estabelecer a “Ciência da Alma” sobre bases sólidas, sem as quais tal Ciência pareceria incompleta e até mesmo inexplicável, tendo em vista a contribuição que nos fornece o exame analítico e as conclusões sintetizadas a respeito da “psique” – isto é, da alma – animal, o que demonstrarei no momento oportuno.

Desnecessário destacar que não pretendo de forma alguma que esta classificação – a primeira realizada sobre esse assunto – seja suficiente para analisar minuciosamente um tema tão vasto e de tamanha importância metapsíquica, científica e filosófica. Gabo-me unicamente de ter trazido uma primeira contribuição eficaz para as novas pesquisas e de ter, dessa forma, despertado o interesse das pessoas que se dedicam a esses estudos, favorecendo assim a acumulação futura de material bruto dos fatos, o que parece imprescindível para a realização das pesquisas sobre este ramo das doutrinas metapsíquicas.

Finalmente, se quisermos indicar qual a data em que se começou a levar a sério as manifestações metapsíquicas dos animais, seria necessário remontar a um comentado incidente de telepatia canina do qual Lord Henry Rider Haggard,¹ o famoso romancista inglês, foi o percipiente; tal incidente se produziu em condições tais que seria impossível pô-lo em xeque. Após uma dessas condições providenciais de tempo, de lugar e de contexto, que se encontram com frequência no início da história dos novos ramos da ciência, esse acontecimento suscitou na Inglaterra um interesse inesperado, quase exagerado: os jornais políticos dele se apossaram e o discutiram extensamente, assim como as revistas de variedades e as revistas metapsíquicas, determinando assim um ambiente favorável às novas pesquisas.

Portanto, é oportuno iniciar a classificação das “manifestações metapsíquicas nos animais” pelo caso de telepatia no qual o percipiente foi o escritor Henry Rider Haggard.

Primeira categoria

Alucinações telepáticas em que o animal é o agente

Caso 1 (Em sonho, com indício provável de possessão)

É o caso do escritor Henry Rider Haggard, que me contentarei em relatar com grande exatidão tal qual ele foi apresentado na edição de julho de 1904 da *Revue des Études Psychiques*, remetendo o leitor que desejar informações mais detalhadas ao número de outubro de 1904 do *Journal of the Society for Psychical Research*.

“O senhor Haggard narra que ele tinha se deitado tranquilamente, por volta de uma hora da madrugada do dia 10 de julho. Uma hora depois, a senhora Haggard, que dormia no mesmo quarto, ouviu seu marido gemer e emitir sons desarticulados, “tal qual um animal ferido”. Preocupada, ela o chamou. O senhor Haggard percebeu uma voz como se ela viesse de um sonho, mas não conseguiu se livrar de imediato do pesadelo que o oprimia. Quando ele acordou completamente, contou a sua mulher que tinha sonhado com Bob, o velho perdigueiro de sua filha mais velha, e que o viu se debatendo numa luta terrível, como se fosse morrer.

O sonho teve duas partes distintas. Na primeira, o romancista se lembra somente de ter experimentado uma sensação de opressão, como se estivesse a ponto de se afogar. Entre o momento em que ele ouviu a voz de sua mulher e aquele em que recuperou a consciência, o sonho adquiriu uma forma mais definida.

“Eu vi – disse o senhor Haggard – o bom e velho cão estendido sob as plantas de um pântano. Parecia-me que minha própria personalidade saía misteriosamente do corpo do cão, o qual levantava sua cabeça em direção ao meu rosto de um modo estranho. Bob se esforçava como se desejasse falar comigo e, não conseguindo se fazer entender pela voz,

transmitia-me, de maneira incompreensível, o sinal de que ele estava morrendo.”

O senhor e a senhora Haggard adormeceram novamente, e o romancista não teve mais seu sono perturbado. Pela manhã, enquanto tomava seu desjejum, ele contou à sua filha o que tinha sonhado, e riram juntos do medo que sua mãe tinha sentido: ele justificava o pesadelo com a má digestão. Quanto a Bob, ninguém se preocupou porque, na noite anterior, ele fora visto com os outros cães da vila e tinha acompanhado sua dona como de costume. Foi somente a ausência de Bob na hora do almoço cotidiano que fez com que a senhora Haggard começasse a sentir alguma inquietude, e também fazer com que o senhor Haggard suspeitasse de que se tratava de um sonho verdadeiro. Iniciaram-se assim ativas buscas que duraram quatro dias, ao termo dos quais o próprio senhor Haggard encontrou o pobre cão boiando sobre a água do pântano, a dois quilômetros da vila, com o crânio dilacerado e duas patas fraturadas.

Um exame inicial feito pelo veterinário deu a entender que o pobre cão tinha sido vítima de uma armadilha; mas, em seguida, foram encontradas provas indiscutíveis de que o cachorro fora atingido por um trem sobre a ponte que atravessava o pântano, e que tinha sido lançado, pelo impacto, entre as plantas aquáticas.

Na manhã de 19 de julho, um funcionário da estrada de ferro tinha encontrado sobre a ponte a coleira ensangüentada de Bob; não restava então nenhuma dúvida de que o cachorro realmente morrera na noite do sonho. Por acaso, naquela noite, tinha passado, um pouco antes da meia-noite, um trem extraordinário de passeio, que certamente fora a causa do acidente.

Todas essas circunstâncias puderam ser comprovadas pelo romancista graças a uma série de documentos.

Conforme o veterinário, a morte teria sido quase instantânea; ela teria acontecido duas horas antes do sonho do senhor Haggard.”

Assim se passou, em suma, o caso do escritor inglês em que se ligam várias circunstâncias de fatos que corroboram para a exclusão categórica de qualquer outra explicação que não seja a de transmissão telepática direta entre o animal e o homem.

Não se poderia tratar, de fato, de uma impulsão telepática proveniente da inteligência de uma pessoa presente e isto por diversas razões: ninguém tinha assistido ao drama nem foi sobre ele informado; a descoberta foi resultado da investigação feita pelo próprio Haggard; e, finalmente, devido à hora avançada da noite em que o fato aconteceu.

Não poderia ser um pesadelo alucinatório costumeiro, com fortuita coincidência, uma vez que as circunstâncias verídicas que encontramos na visão são realmente bastante numerosas, sem falar da própria coincidência entre o sonho e a morte do animal.

A hipótese de que se tratava de um caso de telestesia – no qual o drama teria sido pressentido a distância pelo romancista – pode ser descartada, visto que para isso o percipiente deveria, ao contrário do que realmente se passou, permanecer passivo. Como se pode ver, ele foi submetido a um fenômeno notável de “personificação” ou de “possessão”. Esse fenômeno – assim como foi observado pelo editor do *Journal of the S. P. R.* – propicia um paralelo interessante com as “personificações” e as “dramatizações”² observadas com freqüência pelos sensitivos ou médiuns em estado de transe.

Finalmente, não se poderia tratar também de um sonho premonitório através do qual Haggard teria pressentido o acontecimento, não no momento em que ele se passava, mas na circunstância da descoberta do cadáver do animal no pântano, que aconteceu alguns dias depois; com efeito, com essa solução não podemos explicar nada; nem o fato da coincidência verídica entre a experiência onírica e o acontecimento, nem o fenômeno da dramatização também verídica, nem o caso, tão notável, de “personificação” ou de “possessão”.

Estas são as principais considerações que contribuem para provar de maneira incontestável a realidade do fenômeno de

transmissão telepática direta entre o animal e o homem. Acredito tê-las enumerado a fim de responder a algumas objeções que vieram de todos os lados, depois que a *Society for Psychical Research* acolheu e analisou o caso em questão.

Igualmente, as mesmas considerações poderão servir de regra ao leitor para julgar o valor da hipótese telepática relativa aos casos que se seguem.

Caso 2 (Em sonho – 10 de fevereiro de 1885)

Recolhi este episódio do *Journal of the S. P. R.* (vol. II, pág. 22), onde foi relatado por E. W. Phibbs:

“Na primeira segunda-feira de agosto de 1883 (férias do comércio) encontrava-me em Ilfracombe. Por volta das 22 horas fui me deitar e adormeci rapidamente. Fui acordado às 22:30 por minha mulher, que estava entrando no quarto. Contei-lhe que acabara de sonhar com meu velho cão Fox estendido, machucado e agonizante, ao pé de um muro. Não possuía uma idéia exata a respeito do local; apesar disso, notei que se tratava de um desses “muros secos” bem característicos da região do condado de Gloucester. Inferi que o cão devia ter caído de um daqueles muros, mais ainda porque ele tinha o costume de escalá-los. No dia seguinte, recebi de minha casa (em Barton End Grange, Nailsworth) uma carta escrita por minha empregada, que me advertia que Fox não aparecia há dois dias. Respondi-lhe rapidamente, pedindo-lhe para realizar buscas mais minuciosas. No domingo, recebi uma carta que tinha sido escrita no dia anterior e na qual me informavam que o cão fora atacado e morto por dois cães buldogues, na noite da última segunda-feira.

Retornei a minha casa 15 dias depois e iniciei rapidamente uma investigação, donde constatei que na referida segunda-feira, por volta das 17 horas, uma mulher tinha visto dois buldogues atacarem e dilacerarem ferozmente meu cão. Outra mulher, que morava não muito longe dali, disse que por volta das 21 horas encontrara meu cão agonizando ao pé de um muro que ela me mostrou e que eu via pela primeira vez.

No dia seguinte, pela manhã, o cão tinha desaparecido. Soube em seguida que o dono dos buldogues, ao saber o que se passara e temendo as conseqüências, teve o cuidado de enterrá-lo por volta das 22:30 da mesma noite. A hora do acontecimento coincidia com a do meu sonho.”

O caso que acabamos de ler foi citado inúmeras vezes pelo professor Charles Richet ao longo de seu *Traité de Métapsychique*,³ no intuito de demonstrar que ele poderia ser explicado a partir da “criptestesia”,⁴ não sendo necessário, portanto, supor um fenômeno de telepatia em que o animal teria feito o papel de agente e seu dono o de percipiente. Richet afirma: “É muito mais sensato supor que foi *a noção desse fato* que acometeu seu espírito, ao invés de admitir que a alma de Fox tivesse ido perturbar o cérebro do senhor Phibbs” (pág. 330).

Com a expressão “a noção desse fato”, o senhor Richet remete à sua hipótese de “criptestesia”, segundo a qual as coisas existentes, assim como a ocorrência de qualquer ação nos mundos animado ou inanimado, liberariam vibrações *sui generis* perceptíveis aos sensitivos, os quais, dessa maneira, estariam teoricamente em condições de conhecer tudo aquilo que se passa, se passou ou se passará no mundo inteiro.

Respondi a essa hipótese num longo artigo publicado na *Revue Spirite* (1922, pág. 256), no qual contestava essa suposta onisciência das faculdades subconscientes, demonstrando através da análise dos fatos que as faculdades em questão eram, ao contrário, condicionadas – e, portanto, limitadas – pela necessidade absoluta da “relação psíquica”, ou seja, se não existisse previamente algum laço afetivo, ou, em casos mais raros, relações de simples conhecimento entre o agente e o percipiente, as manifestações telepáticas não se poderiam realizar. Em seguida, referindo-me ao caso em questão, eu segui dizendo:

“Se ignorarmos que o pensamento do cão, voltado com intensa ansiedade para seu protetor ausente, foi o agente determinante do fenômeno telepático, ou, em outros termos, se ignorarmos que o fato pôde se realizar graças à existência de uma “relação afetiva” entre o cão e seu dono, então não po-

demos nos impedir de nos indagar: Por que o senhor Phibbs viu, exatamente naquela noite, seu cão padecendo e não viu os outros animais que, ao longo daquela mesma noite, agonizavam um pouco em toda parte? Impossível responder a essa questão de outra forma que não seja a que reconhece que o senhor Phibbs não viu os animais morrendo no mata-douro nem alhures porque nenhuma relação psíquica, qualquer que fosse, existia entre ele e aqueles animais: ele viu, ao contrário, a agonia de seu cão porque existiam laços afetivos entre ele e o animal e porque, naquele instante, o animal agonizante voltava intensamente seu sentimento para seu protetor ausente; circunstância esta que não tem nada de inverossímil e que é, ao contrário, bem provável no caso de um pobre animal morrendo e com uma urgente necessidade de assistência.”

Concluo que o fundamento de tais deduções permanece incontestável. De qualquer forma, nossos leitores encontrarão na presente classificação inúmeros exemplos de diferentes tipos, os quais, além de confirmar largamente minha maneira de enxergar, contradizem a hipótese de uma “criptestesia” onisciente.

Caso 3 (Em sonho)

Retiro o caso seguinte do livro de Camille Flammarion *L’Inconnu et les Problèmes Psychiques*, pág. 413; relatado pela senhora R. Lacassagne (nascida Durant), de Castres, França:

“Permito-me ainda citar um fato pessoal que se passou e que muito me surpreendeu; porém, como dessa vez trata-se de um cão, talvez não tenha o direito de abusar do tempo dos senhores. Desculpo-me indagando-me em que ponto os problemas terminam.

Era ainda uma menina e possuía freqüentemente em sonho uma lucidez surpreendente. Tínhamos uma cachorra de uma inteligência pouco comum; eu era particularmente apegada a ela, embora a acariciasse bem pouco. Numa noite, sonhei que ela morreu e que me olhava com olhos humanos. Ao despertar, disse à minha irmã: “Lionne morreu; eu sonhei;

tenho certeza”. Minha irmã riu e não acreditou em mim. Nós chamamos a empregada e pedimos-lhe que chamasse a cadeira. Nós a chamamos, mas ela não veio. Nós a procuramos por toda parte e, finalmente, encontramos-la morta num canto. Ora, à véspera, ela não estava de forma alguma doente, e meu sonho não tinha sido provocado por nada.”

Neste caso, a hipótese mais verossímil é também a de que o animal agonizante tenha voltado ansiosamente seu sentimento para sua dona, provocando assim a impressão telepática percebida por ela em sonho. Entretanto, esse episódio é bem menos provável que aquele que o precede; tanto mais porque dessa vez não temos detalhes que permitam eliminar a outra hipótese, ou seja, a de um possível fenômeno de clarividência⁵ em sonho.

Caso 4 (Impressão)

Eu o extraio da revista *Light*, de Londres, Inglaterra (1921, pág. 187). O narrador é o senhor F. W. Percival, que escreveu:

“O senhor Everard Richard Calthrop, importante criador de cavalos puro-sangue, em seu recente livro intitulado *The Horse as Comrade and Friend* (Edição Hutchinson & Co, 242 págs., 1920), conta que há alguns anos ele possuía uma magnífica égua chamada “Windemers”, à qual ele era profundamente apegado; a égua lhe retribuía tal afeto com um efetivo transporte, o que dá ao presente caso um caráter realmente comovente. O destino quis que a égua se afogasse num pântano próximo à fazenda do senhor Calthrop, e ele expôs assim as impressões que teve naquele trágico momento:

“Às 3:20 da manhã do dia 18 de março de 1913, acordei de um sono profundo num ímpeto, não por causa de algum barulho ou relinchar, mas por causa de um chamado de ajuda que transmitia – não compreendi de que maneira – minha égua “Windemers”. Eu escutei e não se ouvia sequer um som na noite calma; assim que fiquei completamente acordado, senti vibrar em meu cérebro, em meus nervos, o chamado desesperado de minha égua; soube que ela estava di-

ante de um enorme perigo e invocava um auxílio imediato. Vesti um sobretudo, calcei minhas botas, abri a porta e me pus a correr no parque. Não ouvia os relinchares nem as queixas, mas sabia, de uma maneira incompreensível e prodigiosa, de que lado vinha esse sinal de “telégrafo sem fio”, embora o mesmo enfraquecesse rapidamente. Assim que saí, dei-me conta, com espanto, de que o sinal vinha do lado do pântano. Corria, mas sentia que as ondas vibratórias do “telégrafo sem fio” ressoavam cada vez menos em meu cérebro; quando cheguei à beira do pântano, elas tinham cessado. Ao olhar as águas, percebi que elas estavam ainda sendo remexidas por pequenas ondas concêntricas que vinham até a margem; no meio do pântano notei uma massa negra que se definia de maneira sinistra com a primeira claridade da aurora. Compreendi rapidamente que lá estava o corpo da minha pobre “Windemers” e que, infelizmente, eu tinha respondido muito tarde ao seu chamado: ela estava morta.”

O senhor F. W. Percival, ao reproduzir esse relato na *Light* (1921, pág. 187), ressaltou:

“Realmente, em casos como estes, não há o testemunho do agente; porém, isto não impede que as três regras de Fredrich W. H. Myers – elaboradas para distinguir os casos telepáticos⁶ daqueles que não o são – sejam, de qualquer forma, aplicáveis ao caso em questão. As três regras são as seguintes:

- 1) que o agente tenha se encontrado em uma situação excepcional (neste caso, o agente lutava contra a morte);
- 2) que o receptor tenha sentido/experimentado algo psicologicamente excepcional, inclusive uma sensação de que o agente era conhecido (neste caso, a impressão que revela o agente é manifesta);
- 3) que os dois incidentes coincidam do ponto de vista temporal (esta condição é também observada).”

Poderíamos acrescentar que o impulso telepático foi pontual e intenso o bastante a ponto de despertar o percipiente de um sono

profundo, de fazê-lo imediatamente perceber que se tratava de um pedido de socorro de sua égua e de orientar seus passos, sem nenhuma hesitação, em direção ao local onde o drama se passava. Assim sendo, não me parece que seja possível colocar em dúvida o caráter realmente telepático do acontecimento.

Caso 5

Encontrei-o no *Journal of the S. P. R.* (vol. XII, pág. 21).

A senhora Carbery, mulher de Lord Carbery, enviou do castelo de Freke, condado de Cork, o seguinte relato, datado de 23 de julho de 1904:

“Ao longo de uma quente tarde de domingo, no verão de 1900, após o almoço me preparava para uma de minhas visitas costumeiras às cocheiras, a fim de distribuir açúcar e cenouras para os cavalos; entre os animais, havia uma égua amedrontada e nervosa chamada Kitty, de quem eu gostava muito. Uma forte simpatia existia entre nós. Montava nela em todas as manhãs antes do almoço, fizesse chuva ou Sol. Eram passeios tranquilos e solitários pelas colinas que beiravam o mar, e sempre me parecera que Kitty se divertia, como eu, com esses passeios no frescor da manhã.

Na tarde em questão, ao sair da cocheira, fui sozinha ao parque, percorri uns 400 metros e em seguida me sentei à sombra de uma árvore com um livro muito interessante; minha intenção era ficar ali por aproximadamente duas horas. Após vinte minutos, um influxo de sensações terríveis veio se interpor entre mim e minha leitura; ao mesmo tempo, eu tinha certeza de que algo penoso tinha acontecido com minha égua Kitty. Tratei de afastar essa impressão, continuando com minha leitura, mas ela aumentou de tal maneira que fui obrigada a fechar meu livro e me dirigir às cocheiras. Chegando lá, fui rapidamente ao boxe de Kitty; eu a encontrei estendida no chão, agonizando e necessitando de socorro urgente. Fui imediatamente procurar os cocheiros, que estavam em outra parte afastada do local; eles se apressaram em prestar ao animal os cuidados necessários. Foi grande a sur-

presa deles ao me ver aparecer na cocheira pela segunda vez, uma circunstância absolutamente insólita.”

O cocheiro que prestou os cuidados à jumenta naquela ocasião confirmou assim esse relato:

“Na época eu era cocheiro no castelo de Freke e Lady Carbery veio durante a tarde distribuir, como de costume, açúcar e cenouras aos cavalos. Kitty estava solta em seu boxe e completamente saudável. Logo depois, voltei para meus aposentos e os empregados da cocheira subiram para seus quartos. Fiquei surpreso ao ver, meia hora ou quarenta e cinco minutos depois, a senhora voltar e nos pedir para prestar socorro a Kitty, que estava estendida no chão, acometida por uma dor repentina. Nesse meio tempo, nenhum de nós tinha entrado nas cocheiras.”

Edward Nobbs

O segundo relato é menos impressionante do que o primeiro: a impressão telepática sentida pela senhora Carbery foi também menos precisa; todavia, tal impressão foi forte o bastante para convencer a percipiente de que as sensações que ela experimentava indicavam que a égua Kitty tinha uma urgente necessidade de socorro e para fazê-la imediatamente ir ao encontro do animal. Ora, estas circunstâncias de natureza excepcional e com uma significação precisa e sugestiva são suficientes para permitir uma conclusão a favor do caráter telepático do caso em questão.

Caso 6 (Impressão)

Este caso foi publicado na revista *Light* (1915, pág. 168). O senhor Mildred Duke, conhecido sensitivo e autor de artigos aprofundados sobre assuntos metapsíquicos, narrou o seguinte fato que ocorreu com ele:

“Há alguns dias, demorei-me escrevendo até tarde da noite, absorvido pelo assunto do qual tratava, quando fui literalmente invadido pela sensação de que minha gata precisava de mim. Tive que me levantar e ir procurá-la. Após ter inutilmente revirado a casa, fui até o jardim e, como a escu-

ridão me impedia de ver, pus-me a chamá-la. Percebi enfim um fraco miado a distância; cada vez que repetia meu chamado, o miado me respondia, mas a gata não vinha. Então, entrei para pegar uma lanterna; em seguida atravessei a horta e fui até o campo, de onde me parecia que os miados vinham; após algumas buscas, encontrei minha gata numa cerca, presa em uma armadilha feita para coelhos, com o nó correção apertando-lhe o pescoço. Se ela tivesse se esforçado em retirá-lo para se libertar, certamente seria estrangulada; felizmente, ela foi inteligente o bastante para não se mexer e também para enviar a mim uma mensagem de pedido de socorro pelo “telégrafo sem fio”.

Essa é uma gata à qual sou bastante apegado; não foi a primeira vez que uma relação telepática se estabeleceu entre nós. Há alguns dias, acreditávamos que ela tinha fugido, uma vez que não a encontrávamos em lugar nenhum e em vão a chamávamos por todo o jardim. De repente, por uma espécie de fotografia mental, eu a vi presa em uma pequena peça vazia sob os telhados da casa, cômodo este que sempre ficava fechado. A visão era verídica: a gata, não se sabe como, tinha se prendido ali. Teria ela então me enviado, também desta vez, uma mensagem telepática para me prevenir de sua prisão?

Neste caso também é impossível duvidar da gênese telepática das duas impressões sensoriais pressentidas pelo autor do relato.

Caso 7 (Impressões)

Eu o encontro no *Journal of the S. P. R.* (vol. XI, pág. 323). O senhor J. F. Young comunica o incidente que segue e que lhe é pessoal:

“New Road, Lanally, 13 de novembro de 1904.

Possuo um cão *fox-terrier* de cinco anos e que eu mesmo vi crescer. Sempre gostei muito dos animais, principalmente dos cães. Este de quem falo retribui enormemente meu afeto, tanto que não posso ir a lugar nenhum, nem sequer deixar meu quarto, sem que ele me siga constantemente. É um tre-

mendo caçador de ratos; como a despensa é às vezes frequentada por esses roedores, coloquei ali uma caminha, bastante confortável, para Fido. No mesmo cômodo havia uma fornalha, onde foi incorporado um forno para assar pães, assim como uma caldeira para a roupa, munida de um tubo que desemboca na chaminé. À noite, nunca deixei de acompanhar o cachorro até sua cama antes de me deitar.

Eu já tinha me trocado e ia dormir, quando, de repente, fui invadido pela inexplicável sensação de um perigo iminente. Não podia pensar em outra coisa que não fosse *fogo*, e a impressão foi tão forte que acabei por me entregar a ela. Eu me vesti novamente, desci e me pus a vasculhar cada cômodo do apartamento, a fim de me assegurar de que tudo estava bem e em ordem. Ao chegar à cozinha, não vi Fido; supondo que ele poderia ter saído dali para ir ao andar superior, eu o chamei em vão. Fui imediatamente à casa de minha cunhada para saber se ela tinha alguma novidade; porém, ela não sabia de nada. Comecei a me preocupar. Voltei imediatamente para a despensa e chamei inúmeras vezes o cão, embora inutilmente como sempre. Não conseguia imaginar o que podia ter acontecido. De repente, dei-me conta de que, se tinha algo que faria o cão responder, era com certeza a frase “Vamos passear, Fido!”, convite que o fazia vibrar de felicidade. Eu então a pronunciei e uma queixa contida, como que atenuada pela distância, chegou dessa vez até meus ouvidos. Eu recomecei e ouvi distintamente a queixa de um cão em apuros. Tive tempo para me certificar de que o barulho vinha de dentro do tubo que ligava a caldeira à chaminé. Não sabia como fazer para retirar o cão dali; os minutos eram preciosos e sua vida estava em perigo. Peguei uma enxada e comecei a romper a muralha naquele ponto. Finalmente consegui, com bastante dificuldade, tirar Fido dali, meio sufocado, aturdido pelos esforços de vômito, com a língua e o corpo completamente pretos de fuligem. Se tivesse demorado alguns minutos a mais, meu querido cão estaria morto; e como utilizávamos raramente a caldeira, provavelmente não teria conhecido o desfecho de sua história. Minha cunhada foi

atraída pelo barulho; juntos, descobrimos um ninho de ratos dentro da fornalha, ao lado do tubo. Fido, logicamente, tinha perseguido um rato dentro do tubo, de tal maneira que não pôde se virar e sair de lá de dentro.

Tudo isto se passou há alguns meses e foi, então, publicado na imprensa local. Mas jamais teria pensado em comunicar o fato a esta Sociedade se não tivesse se produzido, ente estes fatos, o caso do senhor Henry Rider Haggard.”

J. F. Young

A senhorita E. Bennett, cunhada do signatário, confirmou o relato de seu parente.

Para outras informações sobre este episódio, remeto o leitor ao *Journal of the S. P. R.*, vol. XI, pág. 323.

Este caso de telepatia por “impressão” difere sensivelmente daqueles que o precedem e onde o traço característico essencial de impulso telepático consistia na percepção exata de um chamado emanado de um animal em apuros e da localização intuitiva do local onde o animal se encontrava. Aqui, ao contrário, a impressão que acomete o receptor lhe sugere a idéia de um perigo iminente relacionado ao *fogo*. Entretanto, a impressão é forte o bastante para levá-lo a se vestir com toda pressa e ir inspecionar a casa; de modo que, ao chegar à cozinha e perceber a ausência do cão, ele o chama, procura por ele e o salva. Segue daí que, neste caso, a mensagem telepática se realiza de maneira imperfeita, adquirindo uma forma simbólica – o que não diminui em nada seu valor intrínseco, posto que esta circunstância não constitui de forma alguma uma dificuldade teórica. Sabe-se que as manifestações telepáticas, na sua passagem do subconsciente para o consciente, seguem “a via de menor resistência”, condicionada pelas idiosincrasias específicas do receptor. Elas consistem principalmente no “tipo sensorial” do percipiente (visual, auditivo, motor, etc.) e, em seguida, nas condições dos meios em que ele vive (hábitos, repetição dos mesmos incidentes na vida cotidiana). Resulta disso que, quando o impulso telepático não consegue se realizar na forma mais direta, ele se transforma numa modalidade de percepção indireta ou simbólica que traduz

com maior ou menor fidelidade o pensamento do agente telepatizante, mas permanecendo como sempre relacionado com o pensamento do agente em questão. Assim sendo, deveríamos dizer que, no caso que examinamos, o chamado ansioso do cão em apuros tinha certamente conseguido impressionar o subconsciente do percipiente, mas, para atingir seu consciente, ele deve ter perdido grande parte de sua nitidez, transformando-se numa vaga impressão de perigo iminente relacionado com o *fogo*, o que correspondia, mais uma vez à realidade, posto que o animal se encontrava efetivamente preso e em risco de morte por asfixia no tubo da fornalha.

Caso 8 (Auditivo)

O professor Emilio Magnin comunica aos *Annales des Sciences Psychiques* (1912, pág. 347) o caso seguinte:

“Acabo de ler com grande interesse o relato que o senhor fez nos *Annales* sobre o cachorro Bobby. Um caso mais ou menos parecido me foi confiado, há alguns anos, pelo senhor P. M., advogado de enorme talento e muito solicitado em Paris... Eu lhe ofereço este breve relato, convencido de que, por causa de sua analogia com o caso Bobby, ele interessará aos seus leitores.

O senhor P. M., advogado do Tribunal de Segunda Instância, possuía uma cachorra espanhola chamada Creola. Ele ficava com ela em Paris e ela dormia na galeria, atrás da porta de seu quarto. Todas as manhãs, ao primeiro movimento de seu dono, ela arranhava a porta e latia até ele a abrir para ela.

Durante uma temporada de caça, o senhor P. M. deixou sua cachorra Creola aos cuidados de um guarda de caça em Rambouillet.

Num sábado pela manhã, bem cedo, o senhor P. M. ouviu alguém arranhar e ganir na porta; bastante surpreso em ouvir sua cachorra, ele se levantou prontamente, convencido de que seu guarda de caça tinha vindo a Paris para dar uma notícia urgente. Foi grande sua estupefação ao ver que nem o

guarda nem a cachorra estavam ali. Duas horas depois, um telegrama do guarda lhe informava que Creola tinha sido acidentalmente morta por um caçador.”

Também neste caso, em que a alucinação verídica foi de natureza auditiva, não me parece ser possível duvidar da origem verdadeiramente telepática da manifestação. E no que concerne às condições em que o episódio se desenrolou, é útil sublinhar que elas mostram que o impulso telepático foi, dessa vez, de natureza indireta ou simbólica. Remetendo-nos às considerações que desenvolvemos sobre este assunto, concluimos que, como a cachorra morta tinha, quando viva, o hábito de arranhar a porta de seu dono e de latir até que ele a deixasse entrar, o impulso telepático, não conseguindo se realizar de maneira direta, chegou até ele de maneira indireta e simbólica, revestindo as modalidades de realização mais familiares ao percipiente e em relação ao pensamento do agente. Destacarei que, neste caso, a circunstância de uma lei fundamental das manifestações telepáticas, realizando-se rigorosamente, inclusive quando se trata de um agente animal, oferece um grande valor teórico, visto que é óbvio deduzir a partir daí que, se as manifestações telepáticas animais se igualam às mesmas leis que as manifestações telepáticas humanas, a identidade da natureza do elemento espiritual em ação em ambas as circunstâncias resulta delas.

Caso 9 (Auditivo-coletivo)

Eu destaco do *Journal of the S. P. R.* (vol. 4, pág. 289), o caso seguinte, relatado pela senhora Beauchamp, de Hunt Lodge, Twiford, em carta endereçada à senhora Wood, de Colchester, do qual reproduzimos a seguinte passagem:

“Megatherium” é o nome do meu cachorrinho hindu, que dorme no quarto da minha filha. Na noite passada, levantei-me de supetão ao escutá-lo pular no quarto. Conheço bem suas maneiras de pular, bastante características. Meu marido, por sua vez, não demorou a acordar. Eu lhe perguntei: “Está ouvindo?” e ele me respondeu: “É Meg”.

Acendemos rapidamente uma vela, olhamos por toda parte, mas nada pudemos encontrar no quarto; no entanto, a porta estava realmente fechada. Então, veio-me a idéia de que uma desgraça tinha acontecido com Meg; tinha a sensação de que ele tinha morrido naquele exato momento; olhei o relógio para ter certeza da hora e cismeie que tinha de descer e ir imediatamente me certificar da intuição. No entanto, isso me parecia bastante absurdo e, além do mais, estava tão frio... Permaneci por um instante indecisa, e o sono me venceu.

Pouco tempo deve ter se passado até o momento em que alguém veio bater à porta; era minha filha que, com uma enorme expressão de tristeza, avisou-me: “Mamãe, mamãe, Meg está morrendo”. Descemos pela escada e encontramos Meg virado de lado, com as pernas alongadas e rígidas, como se já estivesse morto. Meu marido o levantou dali e certificou-se de que o cão ainda vivia: ele não se deu conta imediatamente do que havia acontecido. Constatamos enfim que Meg, sabe-se lá como, enrolou ao redor de seu pescoço a fita de sua roupinha de tal maneira que quase foi estrangulado por ela. Nós o livramos imediatamente e, assim que o cão pôde respirar, não demorou a se reanimar e a se recuperar.

Doravante, se me for dado sentir sensações dessa natureza em relação a alguém, proponho-me ir socorrer sem delongas. Juraria ter ouvido os saltinhos tão característicos de Meg ao redor da cama e meu marido pôde dizer o mesmo.”

Para outras informações sobre este assunto, remeto o leitor ao citado jornal.

Neste caso, mais uma vez, a gênese genuinamente telepática parece indubitável (tanto mais porque, dessa vez, duas pessoas tiveram as impressões auditivas); mais uma vez aqui, afirmo, a manifestação telepática se processa de forma simbólica: um chamado urgente de socorro, vindo da mentalidade do cão agente, chega ao percipiente transformado num eco característico do saltinho que o animal repetia todas as manhãs ao redor da cama

de seus donos. Ora, é incontestável que uma percepção telepática dessa categoria, ao considerar as circunstâncias em que ela se produziu, não podia constituir a expressão exata do pensamento do cão, mas unicamente uma tradução simbólico-verídica do pensamento em questão. De fato, se é lógico e natural pensar que um animal a ponto de morrer estrangulado tenha voltado intensamente seu pensamento para aqueles que eram os únicos em condições de salvá-lo, não seria, ao contrário, de modo algum admissível que o animal, naquele instante supremo, tenha pensado em outra coisa a não ser nas estripulias costumeiras que fazia todas as manhãs ao redor da cama de seus donos.

Caso 10 (Auditivo, com percepção luminosa coincidente)

Retiro o caso que segue do vol. VIII, pág. 45, dos *Annales des Sciences Psychiques*, o qual tinha sido reproduzido a partir da revista italiana *Il Vessillo Spiritista*:

“A senhora Ludow Krijanowsky, filha do general de mesmo nome e irmã da senhorita Wera Krijanowsky (atualmente senhora Semenoff), conta-nos o fato que aconteceu com ela e que se relaciona com a questão imensamente debatida sobre a alma nos animais...

Trata-se de um cachorrinho que era nosso favorito, principalmente de Wera; um pouco por causa desse afeto e dos mimos exagerados, o animal ficou doente. Sofria com falta de ar e tossia; o veterinário que tratava dele não imaginava que a doença fosse grave. Todavia, Wera se preocupava muito com o animal; ela se levantava durante a noite para lhe fazer massagens e lhe dar os remédios; contudo, ninguém imaginava que ele pudesse morrer.

Certa noite, o estado de Bonika (era esse o nome do cachorrinho) piorou de repente; ficamos apreensivos, principalmente Wera, e decidimos que logo pela manhã iríamos ao veterinário, pois se tivéssemos nos contentado em chamá-lo, ele teria vindo somente à noite.

Assim, pela manhã, Wera e nossa mãe se foram com o pequeno enfermo: eu fiquei em casa e comecei a escrever. Es-

tava tão concentrada que esqueci de que os meus tinham partido; de repente, num piscar de olhos, ouvi o cachorrinho tossir no quarto ao lado. Era ali que se encontrava o cesto e, desde que ele tinha ficado doente, mal começava a tossir ou a gemer que um de nós ia ver se ele precisava de algo, dávamos-lhe algo para beber e administrávamos os remédios dele, ou então refazíamos o curativo que ele tinha no pescoço.

Por costume, levantei-me e me aproximei do cesto; ao vê-lo vazio, lembrei-me de que Wera e mamãe tinham saído com Bonika e fiquei perplexa, pois a tosse era tão barulhenta e tão distinta que era preciso rejeitar qualquer engano.

Estava ainda pensativa diante do cesto vazio quando, perto de mim, ouvi um ganido parecido com os que Bonika fazia para nos receber quando chegávamos; em seguida, um segundo ganido parecia vir do quarto ao lado; finalmente, uma terceira queixa parecia se perder no infinito.

Confesso que fui tomada e invadida por uma penosa tremedeira; em seguida, veio-me a idéia de que o cachorrinho tinha morrido. Quando olhei para o relógio de mesa, ele marcava 11:55.

Preocupada e agitada, fui até a janela e esperei impaciente pelos meus. Ao ver Wera voltar sozinha, corri em sua direção e lhe disse sem refletir: “Bonika está morto”. “Como é que você sabe?”, disse ela, perplexa. Antes de responder, perguntei-lhe se ela sabia qual a hora exata que ele tinha morrido. “Alguns minutos antes do meio-dia”, respondeu-me ela, contando-me o que tinha se passado:

“Assim que chegamos ao veterinário, lá pelas onze horas, este já tinha saído; o empregado pediu-nos para aguardarmos alguns instantes, visto que ao meio-dia seu patrão deveria estar de volta, pois era a hora em que ele normalmente recebia os pacientes. Então ficamos, mas como o cachorrinho se mostrava agitado como sempre, eu o coloquei ora sobre o divã ora no chão e consultei impacientemente o relógio. Para minha grande alegria, constatei que não faltavam mais de

alguns minutos para o meio-dia, no momento em que o cachorrinho começou a sentir falta de ar. Quis colocá-lo sobre o divã, mas quando o levantei, vi, de repente, o animal, assim como as suas patas, cobrindo-se de uma luz purpúrea muito intensa e brilhante;⁷ nada compreendendo do que acontecia, eu gritei: “Fogo!”. Mamãe nada viu, mas como ela estava de costas para a lareira, pensou que o fogo estivesse em seu vestido e se virou assustada: ela verificou que não havia fogo na lareira, mas, logo em seguida, constatamos que o cachorrinho acabara de morrer, o que fez com que mamãe nem pensasse mais em censurar-me por causa de meu grito intempestivo e do susto que lhe tinha causado.”

Constatei que este fato reveste, por sua vez, um caráter simbólico. Nada mais freqüente, de fato, que estes casos de transformação mais ou menos aberrante dos impulsos telepáticos em conformidade com as idiossincrasias dos receptores. Contudo, quando os episódios desta natureza se realizam entre os seres humanos e cujo agente é um defunto, é possível supor que eles possam acontecer, por vezes, segundo a vontade do agente, o qual se conformaria então às idiossincrasias do percipiente; e assim o é, inclusive quando as modalidades pelas quais esses episódios se manifestam ainda dependem do fato de que um impulso telepático tenha necessariamente que seguir a “via de menor resistência” para chegar à consciência do receptor. Nas coletâneas dos casos publicados pela *Society for Psychological Research* encontra-se um episódio em que uma Entidade se manifesta simultaneamente de três maneiras diferentes a três pessoas, em que uma percebe o fantasma, a outra ouve a voz que pronuncia uma frase de cumprimento e a terceira percebe um perfume suave de violetas, perfume que coincide com a circunstância que o cadáver do finado sobre a cama tinha sido literalmente coberto de violetas. Ora, em circunstâncias como esta, seria racional supor que a Entidade que se manifestava tenha agido por propósitos deliberados, de diversas maneiras, ao mesmo tempo em que se conformava às idiossincrasias pessoais dos percipientes, isto é, ela se manifestou de maneira objetiva na pessoa do “tipo visual”, transmitiu uma frase de cumprimento à

pessoa do “tipo auditivo” e, finalmente, desencadeou uma sensação olfativa na pessoa cuja “via de menor resistência” era constituída pelo sentido olfativo. O incidente que torna possível essa variante explicativa é constituído pela frase de cumprimento percebida pela pessoa do “tipo auditivo”, frase esta que pode dificilmente ter sido inventada, na passagem do subconsciente ao consciente, de um só impulso telepático, enquanto que tudo se explicaria facilmente com a suposição de que a frase em questão tivesse sido pensada e transmitida pela Entidade que se comunicava.

Voltando ao caso em análise, destaco nele uma circunstância de fato que complica a interpretação teórica: o cachorrinho Bonika morreu nos braços de sua dona. Isto nos leva a pensar que o animal prestes a morrer não tinha razões emocionais que pudessem fazer com que seu pensamento voltasse para outra pessoa da família que tinha ficado em casa, determinando aleatoriamente um fenômeno telepático. Nessas condições, deveríamos concluir que, provavelmente, acontece com os animais o que acontece amiúde com os seres humanos, isto é, o enfermo direciona, ao morrer, manifestações telepáticas pelo simples fato de emitir um sentimento de pesar ao meio distante em que viveu feliz por longo tempo. Todavia, destaco que, nos casos que envolvem seres humanos, existiria uma outra explicação, de natureza espiritual e não telepática, isto é, em circunstâncias especiais, o Espírito do falecido, tão logo tenha se desprendido dos laços materiais, voltaria ao meio no qual viveu e se esforçaria em fazer com que sua presença fosse sentida por seus familiares.

Quanto ao fenômeno luminoso percebido por Wera, que tinha em seus braços Bonika no momento de sua morte, este não remete às manifestações que examinamos; apesar de que, sob uma outra perspectiva, ele não deixa de ser interessante e sugestivo, uma vez que fenômenos análogos se realizam algumas vezes no leito de morte dos seres humanos.

Caso 11 (Visual)

Retiro o presente caso de um interessante artigo de Elisabeth d'Espérance,⁸ publicado pela revista *Light*, datado de 22 de outubro de 1904, pág. 511:

“... Uma só vez aconteceu comigo algo parecido com uma prova *pessoal* da presença em espírito de um animal que tinha conhecido em vida. Tratava-se de uma pequena *fox-terrier*, a favorita de minha família, a qual, após a partida de seu dono, tinha sido dada a um de seus admiradores que morava a uns 700 quilômetros de nós. Um ano depois, quando entrava pela manhã na copa, vi, para minha grande surpresa, a pequena Morna correndo e saltitando ao redor do quarto, aparentemente tomada por um frenesi de alegria; ela girava, girava, ora se escondendo sob a mesa, ora se enfiando por debaixo das cadeiras, como tinha o costume de fazer em seus momentos de excitação e de alegria, após um silêncio mais ou menos longo na casa. Obviamente concluí que o novo dono de Morna a tinha trazido para nossa casa, ou então que a pequena Morna tinha conseguido sozinha encontrar o caminho de seu antigo lar. Fui logo em seguida questionar os outros membros da família a esse respeito, mas ninguém sabia de nada; aliás, embora a procurássemos por toda parte e a chamássemos pelo nome, Morna não se apresentava. Imaginamos então que eu poderia ter sonhado ou, senão, que eu poderia ter sido vítima de uma alucinação; após isso, o incidente foi rapidamente esquecido.

Vários meses depois, ou talvez um ano tenha se passado antes de encontrarmos o novo dono de Morna. Quisemos logo saber notícias dela. Ele nos disse que Morna tinha morrido após uma série de ferimentos que tinha sofrido durante uma briga com um cão enorme. Ora, pelo que pude constatar, o combate tinha se passado na mesma data ou um pouco antes do dia em que eu a tinha visto (em espírito) saltitar, correr e rodear a copa do seu antigo lar.”

Este relato lembra a última consideração que fiz sobre o assunto precedente, ou seja, que nos casos envolvendo seres hu-

manos era possível, por vezes, supor que não se tratava precisamente de uma alucinação telepática que reproduz a forma do agente, mas sim do espírito do próprio agente que, tão logo tenha se despojado dos laços materiais, voltaria ao meio onde viveu, encarregando-se de se fazer sentir presente pelos seus familiares. Ora, embora não se tratasse de uma criatura humana, mas de uma cachorrinha, é preciso, no entanto, reconhecer que a maneira pela qual se comporta o fantasma – correndo e saltitando no quarto, invadido por um acesso de alegria –, tal como a cachorra viva tinha o costume de fazer após um longo silêncio, sugere irresistivelmente a idéia da presença espiritual da cachorra falecida.

E, neste caso, a fim de evitar qualquer possível objeção em relação a esta suposição, que poderia parecer, de antemão, gratuita e audaciosa, lembrarei que na introdução deste livro já tinha prevenido meus leitores que relataria, no momento oportuno, alguns bons exemplos de aparições *post-mortem* de fantasmas animais identificados, que foram percebidos quer coletivamente por várias pessoas, quer sucessivamente por diversos percipientes que ignoravam reciprocamente a experiência dos outros. Segue daí que estes fatos, absolutamente de acordo com o que se produz nos casos de aparições *post-mortem* dos seres humanos, justificam e confirmam a suposição que acabo de antecipar.

Caso 12 (Visual)

O caso que segue foi extraído dos *Proceedings of the Society for Psychical Research*, vol. XIV, pág. 285; ele é relatado pela senhora Mary Bagot:

“Em 1883, estávamos hospedados no *Hôtel des Anglais*, em Menton. Deixei em casa (em Norfolk) um cãozinho *fox-terrier* preto-amarelado chamado Judy, meu preferido, aos cuidados do nosso jardineiro. Um dia, enquanto estava sentada à mesa do hotel, percebi, de repente, meu cãozinho atravessando a sala e, sem refletir, exclamei: “Olhe, como pode Judy estar aqui?!”. Não tinha nenhum cão no hotel. Assim que pude subir para o quarto de minha filha que estava doente e de cama, contei-lhe o caso. Alguns dias depois,

recebi uma carta na qual me informavam que Judy, após ter saído pela manhã com o jardineiro para seu passeio diário e comportando-se muito bem, tinha sido acometido por uma dor repentina, perto da hora do almoço, e tinha morrido em aproximadamente uma hora. Muito tempo se passou então e não estou mais em condições de me lembrar exatamente se existia alguma coincidência em relação às horas. No entanto, minha impressão era a de que o cãozinho morreu precisamente na noite em que o vi.”

A filha da senhora Bagot, a senhora Woodhouse, a pedido de Fredrich Myers, enviou-lhe o diário que escreveu durante sua permanência em Menton. Nestes termos ela fala de sua mãe: “24 de março de 1883: mamãe, durante o jantar, viu o fantasma de Judy!”. A mesma senhorita relata suas lembranças a este respeito; retiro do caso as palavras que seguem:

“Lembro-me perfeitamente de que meu pai, minha mãe, minha irmã (Senhora Algernon Law) e minha prima (Senhorita Dawnay) entraram juntos no meu quarto e me contaram rindo que a mamãe tinha visto Judy (um *fox-terrier* preto-amarelado) atravessar a sala enquanto estava à mesa do hotel. Minha mãe estava tão certa de que o tinha visto que meu pai, acredito, foi perguntar a um funcionário do hotel se havia cães no local, o que lhe foi respondido negativamente.”

Para outras informações a este respeito, remeto o leitor aos *Proceedings, loc. cit.*, e ao *Journal of the S. P. R.*, vol. VIII, pág. 243.

Este fato é, em todos os aspectos análogo ao precedente, tanto que dessa vez o fantasma do cãozinho se limitou a atravessar o quarto sem dar o mínimo sinal de ter consciência do meio em que se encontrava, nem da presença de sua dona – modalidade de manifestação passiva, em conformidade com o que se produz nas alucinações telepáticas propriamente ditas; enquanto que, no exemplo anterior, o animal tinha se comportado de uma maneira espontânea e ativa, como se fosse a presença espiritual, no local, da pequena cachorrinha falecida.

Caso 13 (Tátil-visual, com telecinesia)

Camille Flammarion comunicou aos *Annales des Sciences Psychiques* (1912, pág. 279) o relato seguinte que lhe foi enviado pelo senhor G. Graeser, que reside em Lausanne, Suíça:

“... Permite-me relatar um pequeno fato que tem relação com aquilo que você fala em seu livro *L’Inconnu*? Não lhe falaria se não tivesse visto um caso como esse em seu livro.

Não se refere a uma pessoa, mas a um animal... Um pouco solitário, amante do estudo e não do mundo, eu não tinha amigos, somente um cão. Ele era bem mais esperto que muitos homens. Era meu protetor; quando, à noite, eu ficava sozinho contemplando o céu, ele permanecia fielmente deitado aos meus pés, sua espessa pelagem (era um são-bernardo) cobria minhas pernas, e era difícil me mexer quando precisava seguir a cadência de uma estrela. Quando estava em meu quarto lendo, ele ficava me olhando; diria, inclusive, que ele me compreendia. Sentia que ele amava a solidão tanto quanto eu e era por isso que não nos deixávamos.

Eu digo isso a vocês para que possam compreender meu afeto por ele e o motivo por considerá-lo um verdadeiro amigo.

Eis então meu relato:

No dia 14 de dezembro de 1910, minha mãe levou Bobby consigo. Devo lembrar que, antes de tudo, ele tinha dois desagradáveis costumes: assim que alguém se aproximava, recebia-o com muita folia; em segundo lugar, que, quando discutia com meu pai, ele tomava minhas dores e se colocava ao meu lado.

Após uma queixa, penso eu (soube tarde demais, infelizmente), meus pais decidiram sacrificá-lo.

Eram sete e meia da noite. Estava em meu quarto e ouvi a porta se abrir (ele a abria sozinho e era tão grande quanto eu). Então, ouvi a porta se abrir e vi aparecer meu Bobby. Ele ficou, com ar de sofrimento, sobre a soleira. Eu dizia: “Venha aqui, Bobbi!”, sem levantar os olhos. Ele não obe-

deceu. Repeti minha ordem, então ele veio. Ele se esfregou em minhas pernas e se deitou sobre o tapete; quis acariciá-lo, mas... nada, ele não estava mais ali!...

Embora nunca tivesse lido histórias como essa no *L'Inconnu*, precipitei-me para fora do quarto; a porta tinha ficado aberta; telefonei para Lausanne (a dois quilômetros), para o matadouro, e eis então nosso diálogo:

– Pois não, é do matadouro.

– Teria o senhor visto uma dama de preto acompanhada por um cão são-bernardo?

– Acabamos de sacrificá-lo, há mais ou menos dois minutos; ele está estirado, e a dama está aqui!

Com estas palavras, caí no chão e desmaiei. Quando voltei ao meu estado normal, perguntei sobre meu cão: ele não estava ali, estava morto. Contaram-me todo o drama depois.

Esta é a história de meu Bobby; é preciso ressaltar que no minuto em que ele morria, eu o vi com meus próprios olhos e o que retira toda e qualquer possibilidade de alucinação é o fato de que a porta se abriu sozinha...”

Camille Flammarion pediu a um professor da Universidade de Lausanne para realizar uma pequena sondagem; o pesquisador respondeu confirmando o relato do senhor Graeser.

Neste caso bastante interessante, encontramos duas circunstâncias de produção que se realizam raramente nos casos de alucinação telepática. A primeira e mais importante consiste no fato de que a aparição do fantasma do cão foi precedida pelo fenômeno psíquico da porta que se abriu. Na fenomenologia telepática, encontramos amiúde episódios em que o percipiente vê se abrir uma porta e entrar o fantasma; porém, quase sempre a porta é, em seguida, encontrada devidamente fechada, o que mostra que o suposto fenômeno psíquico era tão somente uma alucinação complementar da outra. Em contrapartida, nesse caso – assim como, aliás, na maioria dos demais –, a porta foi encontrada aberta pelo percipiente; assim sendo, não se trata de uma alucinação e sim de um fenômeno psíquico de natureza paranor-

mal. O fenômeno a que nos referimos só poderia ser explicado se reconhecêssemos o fundamento daquilo que tínhamos ressaltado anteriormente, ou seja, que as aparições denominadas telepáticas nem sempre se encaixam numa significação puramente alucinatória verídica relacionada à telepatia. Pode-se tratar algumas vezes de verdadeiras aparições objetivas, as quais implicam a presença de uma Entidade espiritual que se manifesta. Tal Entidade, após a morte violenta bastante recente, permaneceria, durante algum tempo, saturada pela “força vital” e poderia, dessa forma, agir ainda sobre a matéria. Se o incidente da porta que se abriu for bem observado, somos então levados a concluir que o fantasma do cão era de forma alguma uma simples projeção alucinatório-verídica, mas sim a objetivação de algo análogo ao “corpo espiritual” do cão.

A alegação seria, de certa maneira, confirmada pela circunstância que se produziu durante a manifestação, isto é, o cachorro respondeu ao convite de seu dono indo até o quarto, deitando-se aos pés do rapaz e se enfiando entre suas pernas. Todos esses detalhes são sugestivos a favor de uma presença real, uma vez que, em geral, as aparições telepáticas são inertes como as estátuas; quando se deslocam e andam, elas os fazem de maneira automática, como se ignorassem o meio em que se encontram – todas as modalidades se conformam com as teorias segundo as quais elas consistiriam em puros simulacros, projetadas exteriormente pelo pensamento do percipiente e influenciada pelo pensamento do agente.

De fato, em certos casos os fantasmas telepáticos provam não ignorar o meio onde se encontram nem as pessoas que os observam, aos quais, inclusive, eles emitem palavras. Unicamente em tais circunstâncias podemos nos perguntar se não se trata realmente, e sempre, de manifestações objetivas. Em suma, uma vez que tudo corrobora para provar que as aparições de fantasmas retiram sua origem de causas diversas, de tal maneira que, certamente, existem fantasmas objetivos (entre os quais se encontra toda uma classe de fenômenos de “bilocação”⁹), nada impede de admitirmos isso para uma parte das manifestações que são consideradas telepático-alucinatórias.

Caso 14 (Visual)

O Rev. Ellis G. Roberts enviou à revista *Light* (1921, pág. 241) o relato de um incidente paranormal que aconteceu com sua filha e que foi redigido por ela nos seguintes termos:

“Tinha um cão *fox-terrier* irlandês chamado “Paddy”, ao qual eu era muito apegada; ele gostava muito de mim também. Uma manhã Paddy não apareceu na hora do café da manhã; não me preocupei, pois ele tinha o costume de ir passear sozinho, embora quase sempre ele viesse regularmente na hora das refeições. Por volta das nove horas, eu estava na cozinha, que desemboca em uma pequena área de onde, por uma outra porta, passamos para a despensa. A porta exterior estava aberta, e da posição que estava eu podia ver o jardim. Era uma manhã ensolarada, com o chão coberto de neve. Olhando para fora, vi Paddy chegar saltitando na neve, atravessar o jardim, entrar na área e desaparecer na despensa. Eu o segui, mas não pude encontrá-lo em nenhum lugar. Espantada e perplexa, entrei na cozinha, onde havia várias pessoas que, não tendo visto nada, queriam me convencer que eu tinha confundido Paddy com um outro cão dálmata, de pelo curto, muito maior que ele e bem diferente de um *fox-terrier* irlandês. Este cachorro vivia em casa também. Não levei em conta essa tentativa de explicação porque ela era absurda: tinha visto bem sobre o fundo brilhante da neve meu cãozinho, e notado o contraste do seu pelo com a brancura da neve. Então, novamente fui à sua procura por toda parte, mas inutilmente: Paddy não se encontrava em casa.

Uma hora e meia depois, eu o vi chegar em condições lamentáveis: ele tinha pedaços de pele arrancados do peito e das pernas, e quatro ou cinco dentes faltavam na sua boca. Logicamente o pobrezinho foi assolado e castigado sem dó, mas nunca conseguimos descobrir o que aconteceu com o cão. Ele morreu poucos meses depois; não acredito, no entanto, que sua morte tenha sido causada pelos ferimentos.”

O Rev. Ellis G. Roberts completa o relato com algumas linhas suplementares:

“Minha filha nunca teve alucinações visuais; parece-me que a única explicação racional para o incidente seria reconhecê-lo como sendo um exemplo de telepatia entre um cachorro em apuros e sua dona, e que, necessariamente, o pensamento do cão se dirigia para ela devido à necessidade que ele tinha de ser socorrido.”

As conclusões do Rev. Ellis G. Roberts parecem consistentes e sólidas; assim sendo, é inútil nos focalizarmos neste ponto. É mais útil observarmos mais uma vez que as condições em que o incidente se realizou corroboram para confirmar a regra à qual aludimos há pouco, ou seja, que as manifestações telepáticas se produzem geralmente a partir da “via de menor resistência” que elas encontram nas faculdades sensoriais do percipiente. Se não fosse assim, quando um agente telepático se encontra numa situação dramática e volta seu pensamento para um protetor distante, este último deveria invariavelmente perceber a imagem do agente e de acordo com a situação na qual ele se encontra. De fato, a agitação produzida pela situação só pode ter invadido momentaneamente o campo inteiro do consciente do agente; assim sendo, é provável que não possa existir outra idéia a não ser aquela que o domina no momento da transmissão telepática. Ora, ao contrário, constatamos na prática que esta correspondência na representação verídica dos eventos se realiza raramente nas transmissões telepáticas; como ela não se realizou no caso da filha do Rev. Roberts, onde vemos que um cãozinho assolado e castigado, aparentemente voltando seu pensamento para sua protetora distante, determina nesta última uma manifestação telepática, após o que, a moça, ao invés de perceber a situação em que ele se encontra, o vê entrar na casa trotando calmamente, atravessando o jardim e penetrando na despensa, isto é, ela visualiza a maneira costumeira de uma atitude cotidiana. Ora, esta diferença entre o pensamento do agente e a visualização do percipiente só pode ser explicada a partir da lei psíquica que já indicamos, segundo a qual todo e qualquer impulso telepático

está sujeito a se transformar, no percipiente, na visualização do agente que lhe é mais familiar.

Destacarei, por fim, que quando uma visualização telepática reproduz fielmente a situação na qual se encontra o agente, significa que as condições de relação psíquica entre o agente e o percipiente são tão harmônicas que não há entre eles empecilhos para a comunicação telepática.

Caso 15 (Visual)

Foi publicado na revista *Light* (1918, pág. 189) pela senhora Joy Snell, uma sensitiva-clarividente bastante conhecida, autora do livro *The Ministry of the Angels*, onde ela relata algumas das visões mais importantes obtidas ao longo do exercício de sua profissão (enfermeira diplomada), como as aparições de defuntos no leito de morte. Embora o relato seja longo e a primeira parte não remeta imediatamente ao assunto do qual tratamos, permito-me transcrevê-lo por inteiro, tendo em vista o interesse psicológico contido nele. A senhora Joy Snell assim se expressa:

“Prince é um cão-lobo de raça russa. Embora ele não esteja mais entre os vivos há muitos anos, continuo a falar dele no momento presente porque, para mim, ele ainda está vivo; tenho certeza disso, pois ele me visita freqüentemente, mostrando que está ligado a mim como no passado. Quando aparece, ele me olha afetuosamente e coloca sua cabeça em meus joelhos, balançando alegremente o rabo... Aconteceu-me de encontrar pessoas que, por sua vez, perceberam Prince ao meu lado e deram uma descrição minuciosa, sem nunca tê-lo conhecido em vida. Eram pessoas que possuíam faculdades psíquicas análogas às minhas e graças às quais aquilo que normalmente não é visível pode se tornar de uma maneira excepcional.

Quando Prince estava ainda neste mundo, sua principal ocupação consistia em me acompanhar em passeios a pé ou de carro. Numa tarde de verão, entrei em casa com o cão após um longo passeio. Duas horas mais tarde, Andy, empregado da cocheira, veio me prevenir que o canil de Prince

estava vazio e que não encontrava o cão em nenhum lugar. Prince nunca tinha infringido seus costumes dessa maneira; por isso, Andy se mostrou preocupada e aconselhou imediatamente a busca do cão. Mas eis que Prince aparece, saltando pelas cercas, e vem em nossa direção balançando o rabo. Após ter manifestado sua satisfação por não ter sido punido, ele me pegou gentilmente pela saia e arrastou-me até a porta. Ao chegar ali, ele levantou-se sobre as patas traseiras e, apoiando as patas dianteiras na porta, começou a me olhar e a latir. Como repetia muitas vezes a mesma cena, entendi que o cão queria que o seguissemos para algum lugar; o empregado decidiu obedecer-lhe. Ele abriu a porta chamando Prince, mas este me puxou mais uma vez pela saia, dando-me a entender que ele queria que eu também fosse. Eram nove horas da noite e nós três nos colocamos em marcha.

Prince seguiu pela estrada por algum tempo e entrou nos pastos, correndo sempre na nossa frente; ele parou uns 50 metros adiante para nos aguardar. E assim nos guiou por duas milhas. Chegamos finalmente a uma vala rodeada por arbustos, uma abertura na qual havia um amontoado de raízes. Ali o cachorro parou, esperando que chegássemos, ao mesmo tempo em que nos olhava por cima dos ombros com uma estranha expressão de ternura. Ele tinha evidentemente chegado ao fim, onde devia existir alguma coisa misteriosa que queria nos mostrar. No entanto, não conseguia explicar a mim mesma porque ele não tinha anunciado, latindo, nossa chegada. Mas assim que cheguei ao local, compreendi o motivo de seu silêncio. Por entre as raízes estava estendida, profundamente adormecida, uma garotinha de três anos aproximadamente! Se tivesse latido, ele a teria assustado e a acordado.

Agora, eis a maneira pela qual conseguiram me explicar o fato estranho de uma garotinha abandonada numa vala. Ela tinha brincado o dia inteiro nos prados, com um grupo numeroso de crianças, enquanto os camponeses cortavam a grama; os camponeses tinham voltado para suas charretes, sem perceber que, entre todas aquelas crianças, faltava uma.

Levei a garotinha para seus pais, os quais me agradeceram chorando e me abençoando. Este gesto magnífico de Prince fez com que ele ficasse famoso em toda a região.

Enquanto isso, eu me perguntava, perplexa: “Como Prince pôde encontrar aquela garotinha?” As circunstâncias pelas quais a descoberta aconteceu mostram nitidamente que não podia se tratar do acaso, e por esse motivo não conseguia me dar conta do acontecido. Mas após alguns anos, não é mais incompreensível: sei, agora, que os cães – ou pelo menos alguns – são dotados de faculdades psíquicas e podem perceber os fantasmas dos mortos. A meu ver, na noite em que Prince foi à procura da garotinha perdida, ele foi levado a agir assim graças a uma Entidade que só ele percebeu, como acontece nos casos de pessoas dotadas de faculdades clarividentes. Tal Entidade deve ter guiado o cão até a vala onde dormia a criança: a inteligência e o instinto generoso do animal fizeram o resto.

O pobre Prince teve uma morte violenta, mas provavelmente sem sofrimento. Andy, o empregado, tendo de ir até a estação da estrada de ferro, tinha levado o cão para um passeio; Prince foi atropelado e esmagado por um trem que chegava. Naquele momento, eu lia perto da lareira; ao olhar por cima do livro, vi Prince estendido sobre o capacho. Gritei a mim mesma: “Já para cá, Prince!” Ao dizer isto, estendi a mão como que para acariciá-lo, mas a mão não encontrou resistência; o cão tinha desaparecido. Obviamente, concluí que aquilo tinha sido fruto de minha imaginação. Porém, uma hora depois, Andy chegou trazendo a triste notícia. Quando Prince apareceu para mim, era mais ou menos o momento em que tinha sido despedaçado pelo trem.”

A parte inicial do relato da senhora Joy Snell é interessante do ponto de vista da psicologia animal, já que ele apresenta um exemplo maravilhoso de inteligência e dos sentimentos generosos que possuem alguns espécimes da raça canina.

Assim como o acontecimento tão bem notado pela senhora Snell, parece-me impossível explicar o fato da descoberta da

garotinha perdida a partir da hipótese do acaso, uma vez que o cão tinha deixado, de propósito e contra todos os seus costumes, seu canil para ir procurá-la, como se tivesse agido por um impulso exterior que, nesse caso, só poderia ser de origem paranormal.

Quanto à afirmação da senhora Snell, que ela continuava percebendo freqüentemente o fantasma do cão falecido e que diversas pessoas o tinham notado também, trata-se de uma afirmação que não podemos considerar uma prova, tendo em vista a natureza positivamente alucinatória de várias formas análogas de visões subjetivas e a impossibilidade de separarmos as formas alucinatórias daquelas que não o são. Destaco, todavia, que, em casos como este, encontramos uma circunstância colateral que militaria a favor da realidade objetiva das aparições em questão; ela consiste no fato de que a mesma clarividente esteve sujeita a múltiplas formas de aparição subjetiva, da qual pudemos provar a natureza positivamente verídica, tais como, por exemplo, as inúmeras aparições de almas de moribundos no leito de morte que foram percebidas ao longo do exercício de sua profissão de enfermeira diplomada.

Caso 16 (Visual-auditivo)

Eu o extraio da *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*¹⁰ (1920, pág. 351). A senhora Camier conta o fato que lhe aconteceu:

“Tinha eu uma linda gatinha angorá, de longo pelo branco com pintas cinzas, olhos verdes rodeados de preto. Ela tinha uma índole meiga e afetuosa e causava admiração em todo mundo; porém, tinha um defeito: todas as noites ela tentava escapar para ir passear. A varanda da casa onde morava era dividida em duas por uma cerca, e ela escapava saltando por cima dela.

Numa noite, cheguei à varanda bem a tempo de pegá-la, quando ela se dispunha a pular pela cerca. Mal a tinha segurado em meus braços quando tive a surpresa de perceber outro gato angorá, em todos os aspectos idêntico à minha, que saltava por cima da cerca. Naquele tempo, não sabia nada a

respeito da doutrina espírita; eu olhei do outro lado da cerca para entender aquele acontecimento estranho, consciente de que em todo o quarteirão não existia nenhuma gata igual à minha; no entanto, nada vi do outro lado.

Mais tarde, tendo me iniciado na doutrina espírita, entendi que, naquele momento, minha gata, completamente invadida pela idéia de fugir, tinha liberado seu perispírito com tamanha intensidade que ela pôde parecer real.

Após algum tempo, a pobrezinha ficou doente; tive de recorrer aos cuidados de um veterinário. Na noite em que ela morreu, senti – realmente senti – minha gata se segurar com suas unhas na coberta e subir em sua caminha, assim como ela fazia costumeiramente; a impressão foi tão real que estendi a mão para me certificar de que não estava enganada. No dia seguinte pela manhã, fui ao veterinário, onde me contaram que a gata tinha falecido durante a noite; seu último sentimento tinha sido para mim.”

Dos dois fenômenos de telepatia animal exibidos no relato da senhora Camier, o segundo não difere em nada daqueles que transcrevemos, enquanto que o primeiro é de natureza excepcional e interessante. Ignorando a explicação fantasista que dá o percipiente, podemos dizer, no entanto, que o incidente constitui um exemplo bastante característico de comunicação telepática entre o animal e o homem. Ele nos mostra o fenômeno de uma gata surpreendida por sua dona em flagrante delito de fuga; após uma brusca interrupção das intenções da culpada, a idéia que invade sua mente se transmite por telepatia à sua dona, a qual percebe uma gata alucinatória saltando por cima da cerca, idêntica à imagem-pensamento existente na mente da gata verdadeira. O caso é curioso e instrutivo, tanto mais devido ao fato de que o agente se encontrava nos braços da percipiente.

* * *

Omito por concisão sete outros casos análogos, para os quais remeto o leitor aos livros e revistas que seguem:

- **Caso 17** (Visual) – *Phantasms of the Living*, vol. II, pág. 446;

- **Caso 18** (Visual-coletivo) – *Journal of the S. P. R.*, vol. VI, pág. 375;
- **Caso 19** (Visual-coletivo) – Judge Edmonds, *Letters and Tracts*, pág. 336.
- **Caso 20** (Visual) – *Rivista di Studi Psicistici*, 1900, pág. 350.
- **Caso 21** (Visual-coletivo) – *Proceedings of the S. P. R.*, vol. X, pág. 181.
- **Caso 22** (Visual-tátil-coletivo) – *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*, 1911, pág. 723.
- **Caso 23** (Visual)¹¹ – *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*, 1920, pág. 25.

Segunda categoria

Alucinações telepáticas em que o animal é o percipiente

Os casos desta categoria, embora não deixem de ser interessantes, não podem revestir-se de um verdadeiro valor científico, devido à impossibilidade de se garantir o que realmente aconteceu com o animal e o que verdadeiramente ele percebeu quando, num determinado momento, coincidindo com a morte de uma pessoa ausente que lhe era familiar, ele pareceu, através de alguns sinais manifestos, pressentir ou perceber algo anormal.

No entanto, se pensarmos que as manifestações paranormais pertencentes a uma mesma classe devem ser vistas em conjunto e não isoladamente, tais fenômenos podem, então, adquirir indiretamente um determinado valor teórico. De fato, se as outras categorias de manifestações análogas parecem realmente verídicas, é lógico concluir que os incidentes de natureza não-verificável da presente categoria devem, por sua vez, ser verídicos, pelo menos no seu conjunto. De qualquer forma, limito-me a citar três exemplos bastante curtos.

Caso 24

Em *La Revue Spirite* de janeiro de 1905 (pág. 51), o barão Joseph de Kronhelm relata o seguinte fato que aconteceu com pessoas de seu convívio:

“Um oficial conhecido, alojado em Gajsin, na Podólia, partiu no mês de abril para a Manchúria (Rússia), na guerra contra o Japão. À véspera de sua partida, entregou seu cão de caça, um belo animal, muito inteligente e ao qual ele era bastante apegado, a um amigo, outro oficial do mesmo regimento, grande aficionado da caça, pedindo-lhe que cuidasse do animal até seu retorno, se Deus o permitisse voltar. Caso morresse, o cão devia ficar com seu amigo. Três meses após a partida do oficial, numa manhã, o cachorro, sem nenhum motivo aparente, pôs-se a emitir ganidos terríveis, que

incomodaram muito a família do oficial e toda a vizinhança. Tudo o que se fazia para acalmá-lo de nada adiantava. O pobre animal não deu a mínima importância aos afagos do oficial e de sua mulher, não quis comer nada, uivava continuamente noite e dia e só parou de gritar no terceiro dia.

O oficial, um homem bastante esclarecido que já tinha ouvido falar de pressentimentos em animais, anotou ciosamente a data daquele acontecimento e disse a sua mulher: “Deus ajude que eu esteja enganado... Mas aquele choro do nosso cachorro, sem nenhum motivo aparente, é sinal de má sorte... Vai certamente nos acontecer alguma desgraça ou virá uma notícia funesta”. E a desgraça não demorou a chegar. Algum tempo depois chegou a notícia da morte do oficial, dono do cachorro, o qual tinha sido morto durante um confronto com os japoneses, na manhã do dia em que seu cão tinha soltado os uivos.”

Tal fato oferece evidências probantes no sentido nitidamente telepático, pois se o animal se pôs, de repente, a ganir e a queixar-se, sem causa aparente, e persistiu com essa atitude apesar das carícias que lhe davam os familiares, recusando todo e qualquer alimento, é certamente necessário supor que devia existir uma causa oculta qualquer, proporcional à desolação manifesta do pobre animal. Ora, como foi constatado que no momento em que ele começou a gritar seu dono tinha sido morto na guerra, tudo contribui a presumir que o animal realmente tenha tido a visão telepática do falecimento do oficial.

Caso 25

Este caso foi originalmente publicado pela revista *Light* (1898, pág. 5).

Um redator dessa revista londrina, amigo de Tom Terriss, filho do ator dramático William Terriss, assassinado naquele ano, escreve:

“Na mesma noite do assassinato, a senhora Terriss estava sentada à sala de seu pequeno hotel, em Belford Park. Ela tinha sobre seus joelhos um pequeno *fox-terrier* chamado Da-

vie, que dormia. Seus filhos, William e Tom, estavam com ela. O relógio marcava 19:20 quando, num piscar de olhos, sem que nada pudesse tê-la prevenido, o cachorro pulou no chão e começou a se jogar freneticamente, gemendo, latindo, rangendo os dentes, mordendo, num extraordinário estado de cólera e terror. Essa atitude do cachorro causou uma profunda impressão na senhora Terriss, deixando-a transtornada pelo resto da noite. Pois bem, foi exatamente às 19:20 que o ator dramático William Terriss morreu assassinado.

Seu filho Tom assim se expressou a este respeito: “Jogava uma partida de xadrez com meu irmão William e o cachorro tirava uma soneca sobre os joelhos de minha mãe, quando, de repente, ele nos surpreendeu ao pular no chão e começar a se jogar de um lado para o outro, furiosamente e freneticamente, rangendo os dentes e mordendo o vazio. Minha mãe ficou assustada e gritou: “Mas o que foi que aconteceu? O que ele está vendo?”. Ela estava convencida de que a fúria do cão era dirigida contra um inimigo invisível. Meu irmão e eu nos esforçamos para acalmá-la, embora estivéssemos também surpresos e perplexos diante da atitude inexplicável de um cão geralmente tranquilo e de caráter bastante meigo.”

Tendo em vista a natureza não-verificável do episódio em questão, seria inútil se estender com comentários mais detalhados. Assim sendo, limitar-me-ei a sublinhar que a correspondência perfeita entre a hora em que o assassinato aconteceu e a mímica furiosamente agressiva do cão nos leva inquestionavelmente a pensar que ele realmente tenha tido a visão subjetiva da cena dramática na qual seu dono sucumbia; e, conseqüentemente, que ele tenha tentado defendê-lo, lançando-se contra o agressor.

Caso 26

Eu extraí o caso seguinte dos *Annales des Sciences Psychiques* (1916, pág. 149).

Ele se encontra numa carta particular que a senhora Esperanza Payker enviou de Zurique (Suíça), no dia 7 de dezembro de 1916, a uma de suas amigas, e se refere à morte, na guerra, de um irmão da mulher em questão. Eis o trecho essencial do relato:

“Você me pede notícias de Richard. Ele sucumbiu, o pobrezinho, num confronto contra os russos! Justo ele, o cosmopolita, que queria ver em todo homem um irmão!... No momento de seu falecimento ocorreu um fato que não pode deixar de lhe interessar. você se recorda de Kacui (o cão de Richard)? Muito bem, às 19 horas do último dia 13 de agosto, ele estava como que adormecido sob meus pés. Num piscar de olhos, ele se levantou, correu até a porta balançando o rabo, ladrando alegremente e saltando, como se estivesse recebendo uma pessoa conhecida; aí, de súbito, ele se retirou assustado, gritou lamentosamente, gemeu, tremeu e voltou a se deitar aos meus pés, sem parar de se queixar durante toda a noite. No dia seguinte, ele deixou a casa; nunca mais o vimos.

Ora, a estranha manifestação do cachorro coincidiu exatamente com a hora em que Richard caiu gravemente ferido; o desaparecimento do cão foi na mesma hora de sua morte...”

Também neste caso a reação expressiva do animal tende a demonstrar o caráter verídico da telepatia, levando em conta que, primeiramente, ele se comportou alegremente, como se assistisse à volta de um parente, para, em seguida, mudar drasticamente de atitude, dando sinais de susto, como se tivesse dado conta da natureza fantasmagórica do que ele percebia.

Terceira categoria

Animal e homem percebem alucinações telepáticas coletivamente

Esta categoria é o complemento necessário da anterior e serve para sustentar a hipótese de que os casos analisados na série precedente são realmente telepáticos. De fato, se nos casos da segunda categoria somente os animais eram os percipientes, neste que vamos expor agora as percepções animais são compartilhadas pelo homem e, nestas condições, as últimas são confirmadas pelas primeiras. No entanto, é preciso acrescentar que, se o caráter coletivo destas manifestações testemunha que, com efeito, elas têm uma origem telepática, não se pode provar, no entanto, que o homem e o animal tiveram as mesmas percepções; podemos tão somente supô-lo, racionalmente, através da atitude dos animais ao longo dos inúmeros episódios.

Objetariam talvez que as percepções animais dessa natureza podem acontecer através de uma transmissão para a mente do animal de uma alucinação que teria acontecido na mente da pessoa presente. Porém, tal objeção é recusada pelo fato de que em inúmeros casos o primeiro percipiente não foi o homem, mas sim o animal.

Caso 27 (Auditivo-visual-coletivo, com sensação bastante forte de vento frio)

Eu extraí este caso do *L'Inconnu*, de Camille Flammarion (págs. 166-167). A senhora Marie De Thyle, doutora em medicina, residente em Saint-Junien, França, escreveu:

“Uma de minhas amigas de estudo (sou doutora) tinha ido para a Índia como médica-missionária. Perdemos contato, como acontecia sempre, mas nunca deixamos de nos gostar.

Certa manhã, na noite do dia 28 para o dia 29 de outubro (estava então em Lausanne, Suíça), fui acordada antes das 6 horas por batidinhas na minha porta. Meu quarto dava para um corredor que desembocava na escada do andar. Deixei

minha porta entreaberta para permitir que um grande gato branco que eu tinha na época fosse à caça durante a noite (a casa estava repleta de ratos). As batidas se repetiam. A campainha da noite não tinha tocado e tampouco tinha eu ouvido alguém subir pelas escadas.

Casualmente meus olhos caíram sobre o gato que ocupava seu lugar de sempre ao pé de minha cama; ele estava sentado, com o pelo eriçado, trêmulo e resmungando. A porta se agitou como que empurrada por um leve rajar de vento e vi aparecer uma forma envolvida numa espécie de tecido vaporoso e branco, como um véu sobre um fundo preto. Não pude distinguir o rosto muito bem. Ela se aproximou de mim; senti um sopro glacial passar por mim e ouvi o gato rosnar enfurecido. Instintivamente fechei os olhos e, quando os abri novamente, tudo tinha desaparecido. O gato tremia por inteiro e estava molhado de suor.

Confesso que não pensei em minha amiga que estava na Índia, mas em outra pessoa. Aproximadamente quinze dias depois, soube da morte de minha amiga, na noite do dia 29 para o dia 30 de outubro de 1890, em Shrinagar, Caxemira. Soube mais tarde que ela tinha sucumbido por causa de uma peritonite.”

Neste caso, o fato de o receptor não ter conseguido perceber o rosto do fantasma nos impede de afirmar que o fantasma tenha sido identificado como sendo a amiga da percipiente, morta naquele dia, na mesma hora. Todavia, a simples coincidência já constitui uma boa hipótese no sentido das conclusões da doutora De Thyle.

De qualquer maneira, isto não diz respeito ao assunto do qual tratamos neste momento, ou seja, o da percepção coletiva de manifestações paranormais pelos homens e pelos animais. Ora, sob esta perspectiva, é preciso destacar que, se o gato em questão se mostrou assustado a ponto de ser acometido por tremedeiras e por uma transpiração abundante, isto mostra que ele teve, por sua vez, a visão de algo anormal o bastante para se assustar. O que

poderia ser esta “coisa”, a não ser a formação espectral percebida por sua dona?”

Caso 28 (Auditivo-coletivo)

Encontramos no livro de Hudson Tuttle intitulado *Arcana of Spiritualism* (pág. 234) vários casos de percepções paranormais percebidas pelos animais; entre elas encontra-se esta, de natureza coletiva:

“O grumete do veleiro *Avalanche* (em cujo naufrágio toda a tripulação morreu) tinha um cão que gostava muito dele e que respondia prontamente ao chamado de um apito que seu dono carregava sempre consigo. Na noite do naufrágio, a mãe e a tia do grumete estavam na ante-sala e o cão na cozinha. Entre 9 e 10 horas, as duas mulheres ouviram de repente um assobio bastante forte que vinha do andar de cima. O som era exatamente o do apito que utilizava o jovem grumete. O cão, por sua vez, tinha reconhecido aquele som e rapidamente lhe respondeu com latidos, como tinha o costume de fazer; em seguida, correu até o andar de cima, onde ele supunha que encontraria seu dono.”

Se o cachorro do pobre grumete tinha corrido até o andar de cima, e se naquele momento as duas mulheres tinham escutado o assobio alucinatório do apito familiar, tudo leva a crer, logicamente, que o cão tenha escutado o mesmo assobio.

Caso 29 (Visual-coletivo)

Eu o retirei do *Journal of the S. P. R.* (vol. XIII, pág. 28).

O eminente mitólogo e sociólogo Andrew Lang comunica o seguinte fato, observado por sua sobrinha. Ela lhe escreveu a esse respeito:

“Skelfhill, Hawick, 8 de agosto de 1906.

... Cheguei a estas terras em 4 de agosto: na segunda-feira, dia 6, estava no monte Pen, onde, pela primeira vez, vi um fantasma. Estava acompanhada do meu velho cão Turk e subi a montanha lentamente, parando com frequência por cau-

sa das curtas pernas de meu companheiro e de sua respiração ainda mais lenta; mais ainda porque as raízes e as mudas eram espessas e resistentes. Fizemos uma nova pausa no local onde o monte Pen erige bruscamente seu cume imponente. Sentei-me de costas para a barreira, tendo diante de mim a montanha rochosa, enquanto Turk estava sentado, ofegante, aos meus pés...

De repente, vi aproximar-se de mim minha amiga doutora H., com quem tinha feito uma viagem pela América em maio de 1905. Ela estava de saia curta azul, com um corselete de algodão branco, sem chapéu e com uma muleta na mão; quando ela estava bem perto de mim, notei uma mecha de cabelo que lhe caía sobre o rosto. Soube quinze anos antes que ela tinha voltado da América para a Inglaterra, de onde teria de partir novamente no dia 12 de setembro para visitar seus pais em Cornwall; porém, não sabia quando ela voltaria. Fiquei bastante surpresa ao encontrá-la naquele lugar onde, por um instante, não pude me mover nem murmurar uma palavra; mas Turk me fez voltar a mim, resmungando contra a nova visita. Então, eu me levantei de uma só vez exclamando: “Você por aqui, doutora H.?”. Ao ouvir essas palavras, a doutora se virou e me olhou; em seguida, ela continuou tranqüilamente a descer pela trilha que eu acabava de subir. Surpresa com sua atitude, pois estava certa de que ela tinha me visto, eu a segui com a intenção de pará-la. Esperando, Turk não parou de resmungar e de latir, mas sem se distanciar de mim, enquanto que normalmente ele se joga latindo nas pessoas e nos cães que lhe são desconhecidos. Notei que o pelo de suas costas estava eriçado e que seu rabo estava arcado como um gancho. Quando alcancei a doutora e ia estender o braço para colocá-lo sobre seus ombros, um inseto enorme zumbindo se enfiou entre nós, voando através de seu corpo. Depois disto, vi a doutora desaparecer! É claro que fiquei surpresa e consternada; até aquele momento, não tinha a mínima idéia de que não se tratava de minha amiga em carne e osso. Sem Turk, eu teria duvidado dos meus sentidos; mas naquelas condições, não restava nenhuma dúvida,

já que o cão tinha incontestavelmente se mostrado irritado e resmungava contra alguém. Juro a vocês que gozo de uma boa saúde, que nunca me senti tão bem, que há um ano bebo só água. Não posso precisar o minuto em que vi a aparição; mas como assim que me sentei eram 18:05, deduzi que deviam ser 18:15 – talvez um ou dois minutos depois – quando eu a vi desaparecer.

Peguei imediatamente meu lápis e anotei o fato estranho num envelope que tinha em minha mochila. Assim que cheguei em casa, ditei o relato detalhadamente. Obviamente, escrevi ontem mesmo à doutora perguntando-lhe o que ela fazia no dia e na hora em que ela me apareceu. Assim que tiver uma resposta, eu a informarei para vocês.”

Uma carta sucessiva da sobrinha do professor Lang ao seu tio continha a passagem seguinte:

“... Encontrei-me com a doutora H.. Ela me disse que no dia e na hora indicada, ela descia a colina do Tintagel, vestida exatamente tal como eu a descrevi, com uma roupa de banho a mais em seu braço que não vi de jeito nenhum...”

A irmã da doutora H. escreve:

“No dia 6 de outubro de 1906, por volta das 18 horas, a doutora H. descia a colina do Tintagel após ter se banhado. Ela estava com uma saia azul, sem chapéu, e tinha em seu braço uma roupa de banho.”

M. H.

Como podemos ver, no caso exposto, trata-se da aparição de uma pessoa viva que foi percebida coletivamente por um cão e por sua dona. Se a autenticidade da aparição não pode ser posta em dúvida, em contrapartida as modalidades dessa manifestação se afastam da regra que rege as aparições desse tipo, visto que, geralmente, o agente se encontra em condições excepcionais sob o ponto de vista emocional, enquanto que no caso em questão não me parece que seja assim. De qualquer forma, é provável que a doutora H., naquele momento, tenha voltado seu pensa-

mento para sua amiga ausente, com a qual ela deveria se encontrar alguns dias depois.

Do ponto de vista que nos interessa, sublinho que a aparição foi vista simultaneamente pelo animal e por sua dona; a atitude do cão, que resmungava e latia contra a pessoa que estava lá, mas que não ousava se afastar das saias protetoras de sua dona, mostra que ele se dava conta de que estava diante de uma manifestação fantasmagórica, enquanto que sua dona pensava absolutamente estar diante de sua amiga em carne e osso; aí está uma razão a mais para contradizer a hipótese da transmissão de pensamento do homem para o animal.

Caso 30 (Visual com anterioridade do animal em relação ao homem)

Este caso foi publicado pela revista *Light* (1907, pág. 225). O senhor J. W. Boulding, um conhecido autor espiritualista, narra o fato que aconteceu com uma família conhecida:

“Um de meus amigos, residente em Kensington, estava doente há muito tempo, e numa noite de domingo do verão passado outro amigo meu e sua mulher foram visitá-lo de carruagem. Quando chegaram perto de uma ponte da estrada de ferro não muito longe da casa do doente, o cavalo começou a se esquivar e não quis continuar seu caminho. Ele parecia invadido por um súbito terror: tremia, recuava e empinava, assustando bastante as pessoas que se encontravam no veículo. Num determinado momento, a dama se levantou para entender o que se passava, e foi grande seu espanto ao ver que, diante do cavalo, de braços abertos estava o amigo doente que eles iam visitar! Foi tamanho seu susto que ela caiu desmaiada em cima de seus primos no veículo; o marido teve então que ordenar ao cocheiro para voltar para casa. Eram 18 horas. Mais tarde eles decidiram retomar o caminho; quando chegaram à casa do amigo, notaram que as persianas estavam fechadas; não demoraram em anunciar-lhes que o doente tinha acabado de morrer, exatamente na hora em que ele tinha aparecido diante do cavalo. É preciso lembrar que o

cavalo foi o primeiro a perceber a aparição, circunstância esta que vem sustentar a afirmação de um grande número de pessoas, isto é, a de que os animais compartilham com os homens as faculdades de clarividência.

De fato, nos casos em que o animal é o primeiro a perceber uma aparição telepática, não existem hipóteses racionais que possam se opor àquela em que se considera serem os animais dotados de faculdades paranormais iguais às do homem; essa consideração levanta problemas psicológicos e filosóficos de fundamental relevância.

Caso 31 (Visual com anterioridade do animal em relação ao homem)

O Rev. Minot Savage, em seu livro *Can Telepathy Explain?* (págs. 46-48), transcreve o seguinte fato:

“Uma jovem senhora que freqüentava minha paróquia, em Boston, estava, num domingo, sentada ao seu piano; ela tocava e não pensava em nada. Nenhum dos membros de sua família estava em casa, nem mesmo os empregados. Um cãozinho, de quem a dama gostava muito, estava deitado em uma cadeira a alguns passos. Tendo se sentado ao piano, ela estava de costas para a porta que dava para a sala. De repente, sua atenção foi despertada pela atitude do cão, que tinha se levantado, com o pelo das costas eriçado, e tinha começado a rosnar surdamente, olhando na direção da porta. A dama se virou rapidamente e percebeu silhuetas etéreas de três formas humanas que estavam no outro quarto, próximo da porta que dava para a sala. Antes que as formas desaparecessem, ela acreditou reconhecer uma delas. Enquanto isso, o terror do cão aumentou a tal ponto que ele foi se esconder embaixo do sofá, de onde quis sair somente depois de muita insistência de sua dona.

A importância deste caso reside no fato de que ele prova que se tratava de um fenômeno que tinha sido percebido pelo animal antes de sua dona, ou seja, antes de qualquer sugestão de origem humana.”

Assim como nos outros casos, é fácil observar que, com o cãozinho em questão levantando-se de repente, surdamente rosno e olhando na direção da porta para em seguida ir se refugiar sob o móvel, isso mostra claramente que ele tinha tido a visão de alguma coisa fantasmagórica, capaz de assustá-lo, como acontece amiúde em casos como este: a coisa é tanto mais notável porque os cachorros têm o instinto de se irritar e rosno ao ver um intruso em carne e osso, mas não o de ter medo.

Caso 32 (Visual-coletivo, com anterioridade do animal em relação ao homem)

O caso que segue, bastante importante, uma vez que foram sete pessoas que tiveram a mesma alucinação simultaneamente com o cão, foi comunicado à *Society for Psychical Research* por Alexandre Aksakof. Eu o extraí do vol. X, pág. 127, dos *Proceedings of the S. P. R.*

“São Petersburgo, 4 de maio de 1891.

Eis o fenômeno do qual uma família inteira foi testemunha. Foi em São Petersburgo, em 1880, quando morávamos na rua Pochkarska. Numa noite de verão do mês de maio, por volta das 18 horas, minha mãe (atualmente senhora Telechhof) estava na sala com seus cinco filhos, dentre os quais eu era o mais velho (tinha então 16 anos). Naquele momento, um antigo criado da casa, que era nosso amigo (mas que, na época, não trabalhava mais conosco), tinha vindo nos ver e estava compenetrado numa conversa com minha mãe. De repente, as estripulias das crianças pararam e a atenção geral se dirigiu ao nosso cachorro Moustache, que tinha corrido, latindo muito forte, na direção da lareira. Involuntariamente todos nós olhamos na mesma direção e vimos sobre a moldura da lareira, de azulejos de *faience*, um garotinho de seis anos aproximadamente, vestindo uma cota de malha. Naquele garoto, reconhecemos o filho da leiteira, André, que vinha em nossa casa freqüentemente com sua mãe para brincar com as crianças. Eles viviam bem perto da gente. A aparição saiu da lareira, passou por cima de todos nós e desapareceu

pela porta afora. Durante todo aquele tempo, o cachorro não parou de latir com todas as suas forças; ele corria e latia, ainda seguindo o movimento da aparição.

Naquele mesmo dia, um pouco mais tarde, nossa leiteira veio em casa e nos contou que seu filho André, após uma doença que perdurou por alguns dias (sabíamos que ele estava enfermo), tinha acabado de morrer; foi provavelmente no momento em que o vimos aparecer.”

Daniel Amosof, Marie Telechhof (*a mãe do jovem Amosof, segundo casamento*),
Kouzema Petrof (*residente, na época, em Lébiajeyé, perto de Oranienbaum*)

Neste caso, a atitude do cão em relação à aparição parece tão característica e eloqüente que somos levados irresistivelmente a concluir que ele percebeu a mesma visão que os outros sete percipientes. É preciso lembrar que, de fato, o cão (que tinha sido, além disso, o primeiro a perceber a manifestação) avançara latindo na direção da lareira, exatamente onde os outros percipientes viram a aparição, e que, durante todo o tempo em que a aparição permaneceu visível, ele não tinha parado de latir para ela e a tinha seguido em seu movimento aéreo.

Caso 33 (Visual-auditivo-coletivo, com anterioridade do animal em relação ao homem e *sensação*, no percipiente, de um sopro de vento gélido)

O caso foi coletado e examinado pelo professor James Hyslop, que o publicou no *Journal of the American S. P. R.* (1907, pág. 432), sem dar os nomes dos protagonistas, a pedido da autora do relato. Eis o que ela nos conta:

“Há dois anos, meu primo William P., de 21 anos, morreu de tuberculose. Desde os primeiros anos da infância, o mais profundo afeto tinha existido entre nós e as circunstâncias nos aproximavam ainda mais, pois éramos apaixonados por música, embora ele morasse em Tottenville, Nova York, cerca de 1.400 km de distância de mim. No mês de março de

1901, ele adoeceu... E morreu no dia 29 de março de 1902... Naquela noite, estava em meu quarto lendo a Bíblia. Estava sozinha com meu filho de 4 anos adormecido em seu berço e com meu cãozinho preferido. O quarto dava para um escritório de trabalho, cuja porta estava fechada somente por uma portinhola de cor azul. Lia com atenção e sem ser incomodada por algum tempo; mas, num determinado momento, ouvi passos pesados no escritório; alguns instantes depois, um sopro de vento frio abriu as portas, gelando meu rosto. O cão levantou a cabeça, olhou naquela direção e foi ganindo se enfiar embaixo de uma cadeira. Quanto a mim, olhei e percebi, entre as portas, o vulto de meu primo, alto e reto, tal como ele era antes de sua enfermidade, com os braços esticados e com um sorriso angelical nos lábios. Parei para olhá-lo, como que petrificada, durante poucos minutos, e o vi desaparecer quando o pêndulo marcava 21 horas. Ao mesmo tempo, ouvi bater na porta de casa; era um telegrama que anunciava:

“William faleceu às 20 horas. Venha depressa.”

Minha mãe me disse que o rosto de meu primo que acabava de morrer tinha uma expressão de grande sofrimento, mas que aproximadamente uma hora depois ele tinha tido uma estranha mudança, iluminando-se com um sorriso angelical e assim permanecendo até o momento em que o colocamos no caixão; sorriso com o qual ele me apareceu entre as cortinas da porta do escritório.

Se este relato for publicado, queiram por gentileza omitir os nomes, pois meus familiares consideram minha visão fruto de uma excitação nervosa...”

Senhora H. L. B.

O Professor Hyslop escreveu ao marido da senhora H. L. B., que é médico; ele respondeu confirmando os fatos dessa maneira:

“... Respondendo às perguntas que o senhor fez em sua carta do dia 22 de maio, declaro que as duas notáveis expe-

riências relatadas por minha mulher aconteceram exatamente da forma como ela nos conta... O segundo fato relacionado com a morte de um de nossos primos não é menos presente em minha memória do que o primeiro. Ele aconteceu antes da mensagem telegráfica que nos anunciava o falecimento. Minha mulher contou imediatamente o fato a sua criada, que está atualmente na Filadélfia, e ao senhor J. H. S., residente aqui. Não sei como explicar teoricamente os fatos referidos.”

Doutor M. L. B.

Ainda neste caso, o primeiro receptor foi o cão.

É preciso destacar que a alma do defunto se manifestou uma hora depois de sua morte, com o rosto apresentando o mesmo sorriso angelical que tinha aparecido no cadáver *uma hora depois do falecimento*; além disto, a manifestação do fantasma foi precedida do fenômeno auditivo de passos pesados chegando do escritório, assim como da manifestação de sopro de vento gelado, tal como experimentamos ao longo das sessões experimentais no momento das materializações mediúnicas.

A circunstância teoricamente mais importante é a do atraso de uma hora na manifestação telepática, embora isto possa ainda ser explicado a partir da hipótese da “*telepatia atrasada*”; no entanto, esta hipótese não é mais válida quando se trata de fatos do mesmo gênero nos quais o atraso foi de alguns dias ou de algumas semanas; resulta disso a necessidade de recorrer a uma hipótese mais compreensível que seja capaz de explicar em conjunto toda a série das manifestações atrasadas que coincidem com os casos de morte. Ora, isto não pode ser feito sem inserir estas manifestações na categoria das “aparições dos defuntos” e não na das “aparições dos vivos”, como se teve o costume de fazer até agora. Isto só está adiantado, verdade seja dita, de maneira geral, admitindo a possibilidade de exceções à regra no caso de atrasos pequenos, conforme condições especiais.

Caso 34 (Visual-coletivo, com anterioridade do animal em relação ao homem)

O Professor Andrew Lang comunica à *Society for Psychological Research* (*Journal*, vol. XIV, pág. 70) o episódio abaixo, presente numa carta a ele endereçada e escrita por uma amiga:

“22, York Mansion’s. Battersea Park, S. W.

10 de fevereiro de 1909.

Caro professor,

Ao longo de seu artigo recente publicado no *Morning Post*, o senhor cita um caso de aparição percebido simultaneamente por uma senhora e por seu cão. Acredito que o senhor possa se interessar por uma experiência parecida que aconteceu comigo e com meu cão há seis anos. Eu lia, sentada ao lado do fogo, na minha sala, cuja porta estava fechada. Meu cão Dan dormia sobre o assoalho. De repente, fui distraída de minha leitura pelo meu cão, que tinha começado a ganir surdamente. Debrucei-me sobre ele e o acariciei para acalmá-lo, mas ele continuou ganindo cada vez mais forte. Então eu olhei na mesma direção que o animal (o que pude fazer somente me virando) e, para minha grande surpresa, vi uma forma de mulher vestida de cinza, em pé, perto da porta. Não pude distinguir os traços de seu rosto, que se escondia atrás de uma planta que tinha em cima da mesa. Primeiramente pensei que fosse minha irmã e lhe perguntei por que ela tinha voltado tão cedo e como ela pôde entrar no meu quarto sem fazer barulho. Mas não demorei a me lembrar de que, estando sozinha, tinha trancado a porta da casa. Então me levantei de supetão, assustada, enquanto Dan se lançava latindo contra a intrusa, que desapareceu rapidamente, embora a porta do salão estivesse fechada. O cão apresentava todos os sintomas de raiva e de pavor; os olhos luziam, mas a cabeça estava abaixada e o pelo eriçado ao longo de sua coluna vertebral. Ele parecia convencido de ter visto uma pessoa real, já que, quando eu abri, ele se lançou latindo furiosamente e assim desceu as escadas, para em seguida subir, procurando sem parar a intrusa, que obviamente não

conseguimos encontrar. Estava sozinha em casa e senti um alívio quando, pouco tempo depois, a campainha tocou e era minha irmã.

Não tenho nenhuma teoria a propor para explicar este fato; aliás, foi-me impossível relacionar a visão do fantasma com os acontecimentos que se produziram antes ou depois disso; mas estou absolutamente certa do que vimos, o cachorro e eu, embora não haja nenhum outro testemunho para sustentar meu relato. Obviamente, contei imediatamente o acontecimento a minha irmã.

Senhora Emma L. Darton

Detalhes complementares sobre este caso podem ser encontrados no volume supracitado do *Journal of the S. P. R.*

O senhor Andrew Lang supõe que, nesta circunstância, trata-se provavelmente de um caso de “telepatia prevendo uma chegada”, ou seja, a irmã da senhora Darton, disposta a voltar, tinha pensado intensivamente em alguma coisa relacionada ao seu ambiente doméstico, determinando assim a projeção telepática de seu fantasma no lugar em questão. Estas manifestações telepáticas acontecem realmente e a Sociedade Inglesa de Pesquisas Psíquicas coletou um grande número delas; todavia, acredito que seja pouco provável aplicá-la ao caso que examinamos, pois não me parece que o cão teria avançado furiosamente em uma pessoa da família.

Eliminada essa hipótese, não seria de forma alguma fácil encontrar a gênese do fantasma que apareceu ao mesmo tempo para a dama e para o cão, exceto se o considerarmos como um caso de assombração.

Em todo caso, a solução do problema não poderia nos interessar no momento; basta notarmos que, também neste exemplo, o cão foi o primeiro percipiente.

* * *

Omito treze casos análogos, para os quais remeto o leitor aos livros e às publicações seguintes:

- **Caso 35** (Auditivo-coletivo-assombração) – *Proceedings of the S. P. R.*, vol. V, pág. 307;
- **Caso 36** (Auditivo-coletivo-assombração) – *Idem*, vol. V, pág. 308;
- **Caso 37** (Visual-auditivo) – *Idem*, vol. V, pág. 453;
- **Caso 38** (Visual-coletivo) – *Idem*, vol. X, pág. 327;
- **Caso 39** (Visual-coletivo) – C. Flammarion, *L’Inconnu*, pág. 104;
- **Caso 40** (Visual) – *Phantasms of the Living*, vol. II, pág. 149;
- **Caso 41** (Visual) – *Idem*, vol. II, pág. 245;
- **Caso 42** (Visual) – *Idem*, vol. II, pág. 458;
- **Caso 43** (Visual) – *Idem*, vol. II, pág. 510;
- **Caso 44** (Visual-coletivo, com anterioridade do animal em relação ao homem) – *Journal of Proceedings of the S. P. R.*, vol. IV, pág. 53;
- **Caso 45** (Visual-coletivo) – *American Proceedings of the S. P. R.*, pág. 144;
- **Caso 46** (Auditivo-coletivo, com anterioridade do animal em relação ao homem) – *Idem*, pág. 145;
- **Caso 47** (Visual-auditivo-coletivo, com anterioridade do animal em relação ao homem) – *Idem*, pág. 146.

Quarta categoria

Visões de Espíritos ocorridas sem coincidência telepática e percebidas por homens e por animais

Relativamente freqüentes, os fatos pertencentes a esta categoria têm uma importância teórica, uma vez que apresentam o valor de casos de identificação espiritual.

De início transcreverei resumidamente dois episódios antigos:

Caso 48 (Visual)

Em seu livro sobre *A Vidente de Prevorst*, o doutor Justinus Kerner fala de uma aparição que a vidente percebia amiúde junto a ela durante mais de um ano.

“Ele observa, a esse respeito, que cada vez que a vidente anunciava a presença da aparição, um cão labrador, que pertencia à família, se comportava de uma maneira que permitia supor que ele também a via e ia rapidamente perto de uma das pessoas presentes, como se quisesse proteção, latindo de forma lamentável. A partir do dia em que ele viu a aparição pela primeira vez, não quis mais ficar sozinho durante a noite.”

Caso 49 (Visual-auditivo)

Sob o título de *Apparitions réelles de ma femme après sa mort* (Chemnitz, 1804), o doutor Wœtzel publicou um livro que produziu boa impressão em seu tempo. Ele conta que numa noite, semanas depois da morte de sua esposa, ele estava em seu quarto quando sentiu subitamente ao redor dele um vento tempestuoso, embora as portas e as janelas estivessem fechadas. A luz tinha se apagado, enquanto uma das meias-portas da alcova se abriu. Apesar da luz fraca que reinava no quarto, Wœtzel tinha percebido o vulto de sua mulher, que lhe disse com uma voz fraca: “Charles, sou imortal, nós nos reveremos”. A aparição se repetiu uma segunda vez, e nesta última circunstância o cão

do doutor Wœtzel tinha girado ao redor do local onde se encontrava a aparição, balançando alegremente o rabo.

Neste caso, igualmente, é preciso considerar a atitude do cão, o qual parecia ter de fato percebido uma forma parecida com a de sua dona. Apesar disto, tendo em vista que nos dois casos que acabo de citar os primeiros a terem a alucinação foram respectivamente a vidente e o doutor Wœtzel, podemos sustentar a hipótese segundo a qual os dois percipientes tinham, em seguida, servido de agentes, transmitindo aos animais uma forma alucinatória originada em seus cérebros. De todo modo, esta hipótese não invalida a importância dos fatos em questão, a nosso ver, já que esta solução do problema provaria também, de maneira categórica, que fenômenos de transmissão telepática entre o homem e o animal realmente acontecem – o que constitui o objetivo essencial desta classificação.

Ora, uma vez este fato reconhecido para as formas alucinatórias do tipo em questão, não seria mais lógico recusar em reconhecê-lo para as formas de telepatia verídica ou para outra modalidade qualquer de percepções psíquicas no interior das quais existe sempre uma forma mais ou menos disfarçada de transmissão telepática.

Dito isto, é importante lembrar que a hipótese a que nos referimos consegue unicamente explicar os casos nos quais a visão alucinatória foi percebida anteriormente pelo homem, e não aqueles em que a anterioridade pertence certamente aos animais.

Relembro, finalmente, que a hipótese em questão, embora livremente explorada por inúmeros estudiosos da área dos estudos metapsíquicos, está longe de ser fundamentada; ao contrário, ela constitui um enorme erro, visto que – exceto raras exceções que confirmam a regra – não conhecemos nenhum exemplo de alucinação coletiva entre criaturas humanas que retirem sua origem de um influxo contagioso de transmissão telepática do pensamento.

Sei bem que, nos tratados de patologia mental, encontramos um grande número de casos de alucinação coletiva – principalmente nas multidões, por contágio místico – mas tudo isto acon-

tece exclusivamente por *sugestão verbal*, e nunca por *transmissão telepática do pensamento*, o que significa dizer que um abismo existe entre os dois tipos de fatos.

Conseqüentemente, é preciso destacar que, inclusive nas experiências hipnóticas em que existe entre o hipnotizador e o *sujet* uma *relação psíquica* firmemente estabelecida, é bastante raro que o hipnotizador consiga provocar a distância, no *sujet*, formas alucinatórias com a ajuda da transmissão telepática de pensamento, enquanto que ele obtém isso por meio de uma *sugestão verbal*.

A importância teórica dessas observações não escapará a ninguém; estou certo de que, se os pesquisadores se aprofundassem nesse campo das ciências metapsíquicas, eles se dariam conta disso. Entre os pesquisadores modernos, somente o professor Charles Richet reconhece o absurdo em se explicar, a partir da transmissão telepática de pensamento, os casos de visões ou percepções paranormais de ordem coletiva, o que deve ser assinalado a seu favor.

Caso 50 (Visual)

O caso seguinte foi comunicado à *Society for Psychical Research* por Alexandre Aksakof; eu o extraio dos *Proceedings of the S. P. R.*, vol. X, pág. 328.

(Nota tomada do relato da senhora T..., outubro de 1891.)

“Em 187..., a senhora T... encontrava-se certo dia na casa de seus vizinhos de campo, o senhor e a senhora B..., em P..., propriedade deles (condado de Twer). A conversa girava em torno de um estranho acontecimento trágico que se passou na família dos T..., e que culminou no suicídio de um dos parentes da senhora T...; num piscar de olhos, ela o viu aparecer no quarto ao lado do salão onde estavam e cuja porta estava aberta. No mesmo momento, o cão da anfitriã, que estava deitado aos seus pés, se levantou e começou a latir furiosamente na direção da porta. O senhor e a senhora B... nada viram, pois estavam de costas para a porta, e a senhora T... não lhes disse nada sobre o que tinha visto.”

(Confirmação do relato em uma carta da testemunha, senhora B..., 15 de outubro de 1891.)

“Era o ano de 1879, em nossa propriedade, condado de Twer. Éramos três; a senhora T..., nossa vizinha, que tinha vindo nos visitar, meu marido e eu; estávamos na salinha de nossa casa de campo, não muito longe de uma porta que dava para o meu quarto de dormir, iluminado por uma grande janela. A senhora T... estava sentada em um sofá, diante da porta; eu estava sentada junto dela em um banquinho, também de frente para a porta, mas meu marido estava num canto, de modo que ele não via aquela porta. Aos meus pés estava deitado meu cão Beppo, com a cabeça virada para a saída. Falávamos do acontecimento que tinha acabado de ocorrer com a família dos T..., em que a mulher, levada pela paixão, abandonou seus filhos e seu marido, e que este, desesperado, estourou os miolos. Meu marido acusava a mulher, a senhora T... acusava o marido, de quem ela sempre gostou bastante; no entanto, neste caso, ela não o isentava da culpa. De repente, ela se calou e o cão, levantando a cabeça novamente, pôs-se a ganir e quis se precipitar até a porta do quarto; estava com o pelo todo eriçado. O animal escapou de minhas mãos como que para atacar alguém. Tinha bastante dificuldade em segurá-lo; meu marido quis bater nele e eu o defendi. Ele e eu nada vimos, exceto a cólera do meu cão. A senhora T... calou-se e quando o animal se acalmou ela nos pediu para irmos à sala, onde estava seu marido. Logo após o senhor e a senhora T... irem embora, e só mais tarde, quando fui visitar a propriedade deles, a senhora T... disse que tinha visto, na frente da porta do meu quarto, o fantasma daquele que ela acusava – vestido de branco e com uma expressão de desespero em seus movimentos, como que revoltado porque ela o tinha acusado. “Seu cachorro Beppo viu a mesma coisa”, ela me disse; “estava furioso e queria se jogar em cima daquela aparição”. Eu bem que tinha visto a ira de Beppo, mas não vi a aparição.”

N. B.

Neste episódio, mais uma vez, a reação agressiva do cão, latindo furiosamente e desejando se jogar em cima de alguém na direção da porta, onde a senhora T... percebe, ao mesmo tempo, a aparição do defunto que ela tinha acusado, leva a admitir que o animal pôde ver a aparição; de fato, os cães agem assim unicamente contra intrusos que eles desconhecem.

E, neste caso, não menos que em outros, a visão, por ter sido simultânea, permitir-nos-ia oferecer a possível hipótese de uma forma alucinatória que teria surgido no cérebro da senhora T... e que teria sido transmitida simultaneamente ao cão; mas me parece que as explicações fornecidas anteriormente por mim são suficientes para excluir essa hipótese gratuita; o que equivale a reconhecer o aspecto verídico do caso da aparição de um morto criticado pela senhora T....

Caso 51 (Visual-auditivo-coletivo)

Eu retiro a passagem seguinte de um outro relato bastante notável de Alexandre Aksakof, publicado nos *Proceedings of the S. P. R.*, vol. X, págs. 387-391). Acrescentarei, para melhor compreensão do acontecimento, que o caso aqui transcrito se refere à história das aparições reiteradas de uma moça chamada Palladia, morta aos quinze anos. O relator, Senhor E. Mamtchitch, foi também, no referido caso, o principal percipiente.

“Em 1885, estava eu na casa de meus pais, numa propriedade de campo no condado de Poltava. Uma senhora de nossas relações tinha vindo passar alguns dias em nossa casa com seus dois filhos. Algum tempo depois da chegada deles, como eu me levantava cedo, vi Palladia (eu dormia numa ala separada onde ficava sozinho). Ela estava diante de mim, distante uns cinco passos mais ou menos, e me olhava com um sorriso alegre. Tendo se aproximado de mim, ela me disse duas frases rápidas: “*Eu estava, eu vi*” e, sorrindo, desapareceu. O que significavam suas palavras eu não pude compreender. Em meu quarto dormia junto comigo meu *setter*. Assim que percebeu Palladia, meu cão se eriçou e, uivando, pulou em minha cama; apertando-se contra o meu

corpo, ele olhava na direção em que eu via Palladia. O cão não latia, enquanto que normalmente ele não deixava ninguém entrar no quarto sem latir ou rosnar. E todas as vezes que ele via Palladia, protegia-se perto de mim, como que procurando um refúgio.

Quando Palladia evolou-se, desci na casa e não disse nada a ninguém sobre aquele incidente. No mesmo dia, à noite, a filha mais velha da senhora que estava em nossa casa me contou um fato estranho que tinha lhe acontecido de manhã: “Assim que acordei, senti como se houvesse alguém na cabeceira de minha cama e ouvi distintamente uma voz me dizendo: *‘Não tenha medo, sou bondosa e gentil’*. Eu me virei, mas nada vi; minha mãe e minha irmã dormiam tranqüilamente; aquilo me espantou, pois nada parecido tinha me acontecido antes”. A isso, respondi que muitas coisas inexplicáveis acontecem conosco, mas não lhe disse nada sobre o que tinha visto de manhã. Somente um ano depois, quando já era seu noivo, contei-lhe sobre a aparição e as palavras de Palladia no mesmo dia. Não seria ela que teria vindo vê-la também? Devo acrescentar que, naquela ocasião, era a primeira vez que via aquela senhorita e não pensava de forma alguma que ia me casar com ela.”

A senhora Mamtchitch confirma assim o relato:

“5 de maio de 1891.

Lembro-me muito bem de que no dia 10 de julho de 1885, quando estávamos visitando os pais de E. Mamtchitch, tinha me levantado cedo, pois estava combinado, entre minha irmã e eu, que faríamos um passeio matinal. Ao me levantar da cama, vi que mamãe e minha irmã dormiam e, naquele momento, senti como se alguém estivesse à minha cabeceira. Virando-me um pouco – pois temia olhar demais –, não vi ninguém; ao me deitar novamente, ouvi imediatamente atrás, por cima de minha cabeça, uma voz de mulher me dizendo com meiguice, mas nitidamente: *‘Não tenhas medo, sou bondosa e gentil’*, e mais uma frase que esqueci naquele mesmo instante. Imediatamente depois, vesti-me e fui passe-

ar. O estranho é que aquelas palavras não me assustaram de forma alguma.”

Neste relato, a melhor demonstração de que o cão teve a mesma visão que seu dono é fornecida pelo pavor que ele sentia diante da manifestação. O senhor Mamtchitch disse que o cão, trêmulo, pulou em sua cama com o pelo eriçado e, gemendo, encolheu-se contra seu corpo, olhando espantado na direção em que seu dono via Palladia. Ele acrescenta que o animal tinha o costume de rosnar e latir contra quem quer que fosse. Ora, o terror insólito experimentado pelo cão mostra de maneira incontestável que, não somente ele via o fantasma de Palladia, mas também que ele compreendia instintivamente que não estava diante de uma pessoa viva; se assim não o fosse, ele teria recebido a intrusa rosnando e ameaçando-a.

Sob uma outra perspectiva – que não é a que tratamos neste livro –, lembro que o relato de onde retirei este episódio que acabamos de ler constitui excelente exemplo de identificação espiritual onde o fantasma de Palladia (que tinha sido, quando viva, ligada ao juiz Mamtchitch por laços afetivos) fornece inúmeras e admiráveis provas em relação à presença espiritual daquela personalidade.

Caso 52 (Visual, com anterioridade do animal em relação ao homem)

Este episódio faz parte de um interessante relato transmitido pelo professor Alexander, da Universidade do Rio de Janeiro, a Fredrich Myers, e trata do fenômeno psíquico do qual o próprio autor foi testemunha:

“Numa noite em que fazia muito calor, nós estávamos sentados na varanda e o latido lento e monótono de um cão, preso do lado de fora, despertou nossa atenção. Nós o encontramos olhando no ar alguma coisa que nem eu nem o Senhor Davis pudemos perceber. No entanto, as meninas declararam que viam uma forma espiritual bastante conhecida e que estava diante do cão, cujo latido realmente expressava um grande desespero.

Mais tarde, quando a família morava na casa de baixo, a filha mais nova, ainda um bebê naquela época, chamou a atenção de seu pai de que alguém estava diante da porta: “Um homem! Um homem!”, ela dizia; mas, para outros olhos que não fossem os seus, nenhum homem era visível. E, finalmente, antes que ela pudesse conseguir fazer com que víssemos o que, para ela, era tão evidente, sua expressão tornou-se imensamente espantada, e ela articulou seu “tudo desapareceu!” costumeiro, que, em sua linguagem infantil, significava que alguma coisa tinha desaparecido.” (*Proceedings of the S. P. R.*, vol. VII, pág. 183).

Como se observa, os latidos de terror emitidos pelo cão mostram bem que ele percebia algo de anormal. A circunstância, teoricamente importante, de que aquilo tenha acontecido antes que as duas meninas tivessem visto o fantasma de um de seus familiares na direção em que o animal rosnava exclui definitivamente a hipótese – que deseja explicar as manifestações em questão – segundo a qual um fenômeno de transmissão telepática de formas alucinatórias seria criado pela mente das pessoas presentes e emitido aos animais.

Caso 53 (Visual, com anterioridade do animal em relação ao homem)

Eu o extraio dos *Proceedings of the S. P. R.*, vol. X, pág. 327. O senhor H. S. E., que não desejou que seu nome fosse publicado, escreve a esse respeito:

“8 de agosto de 1892.

Em 1874, quando tinha 18 anos, estava na casa de meu pai e, numa manhã, tinha me levantado por volta das 5 horas a fim de acender o fogo e preparar o chá. Um cão grande da raça *bull-terrier*, que tinha o costume de me acompanhar por toda parte, encontrava-se ao meu lado, enquanto eu me ocupava do fogo. Num certo momento, ouvi-o emitindo um rosnado surdo e o vi olhando na direção da porta. Virei-me para aquele lado e, para meu grande espanto, percebi uma figura humana alta e assustadora, cujos olhos flamejantes se dirigi-

am para mim. Soltei um grito de alarme e caí sentado no chão. Meu pai e meus irmãos correram imediatamente, pensando que ladrões tinham invadido a casa. Eu lhes contei o que tinha visto; eles julgaram que a visão não tinha outra origem a não ser minha imaginação afetada após uma doença recente. Mas então por que o cachorro teria também percebido alguma coisa? O animal em questão via às vezes coisas que eram invisíveis para mim; ele se jogava nelas fazendo gestos de quem morde o ar, e me olhava em seguida de um jeito como se quisesse me dizer: “Você não viu nada?”

Neste caso, como no que o antecede, o relator-percipiente, que naquele momento estava ocupado acendendo o fogo – operação pouco propícia a criar alucinações –, tinha se virado e visto o fantasma porque seu cachorro começou a rosnar de maneira ameaçadora. Assim sendo, é difícil duvidar que tenha existido uma aparição objetiva na direção em que o animal rosnava; por outro lado, há duas circunstâncias a considerar: que o animal foi o primeiro a mostrar a aparição e que ele a recebeu como os cães têm o costume de receber os intrusos. Ambas afastam toda e qualquer contestação acerca do fato de que o animal não tenha notado o mesmo fantasma humano percebido pouco tempo depois pelo dono.

Caso 54 (Visual-coletivo)

Fato contido em *Phantasms of the Living*, vol. II, pág. 197.

O caso que vou narrar e aqueles que se seguirão são relacionados às localidades assombradas; eles pertenceriam, conseqüentemente, à sexta categoria desta classificação; todavia, tendo em vista que nas localidades em questão não aconteceram outros fenômenos a não ser as aparições de um ser humano, pareceu-me oportuno inseri-los na presente categoria:

“2 de março de 1884.

Em 1875, minha irmã e eu (tínhamos então treze anos) voltávamos para nossa casa de carruagem, num dia de verão, por volta das 4 horas da tarde, quando, de repente, vimos, flutuando sobre uma cerca, uma forma de mulher que desli-

zava sem barulho através da estrada. Essa forma era branca, em posição oblíqua e a alguns metros do chão.

O cavalo tinha parado subitamente e tremia tanto de pavor que não tínhamos qualquer domínio sobre ele.

Eu exclamava a mim mesma, olhando para minha irmã: “Você está vendo isso?”; ela me respondeu que sim e fez a mesma pergunta ao rapaz que estava no veículo.

Aquela forma atravessou a cerca, a estrada e passou por cima de um pasto; em seguida, nós a perdemos de vista em meio a uma plantação. Acho que a vimos durante dois minutos. Ela jamais tocava o chão, mas flutuava sempre a uma pequena distância dele.

Ao chegar a casa, contamos a nossa mãe o que vimos. Tínhamos certeza de que não era um engano, nem ilusão dos sentidos, nem um andarilho, nem qualquer coisa do gênero.

Nunca vi algo parecido, nunca tive uma visão assim nem antes nem depois. Nós três gozávamos de boa saúde, era um dia de Sol, e ninguém tinha nos sugerido a idéia de uma aparição antes da passagem daquela.

Mais tarde, soubemos que aquela era uma estrada assombrada, e vários habitantes daquela região tinham visto uma aparição por ali.

Sidney Montgomery / Violet Montgomery

Essa aparição foi vista, simultaneamente, por três pessoas e por um cavalo que tinha parado de repente; o cavalo ficou tão trêmulo e tão assustado que ficou insensível aos comandos do cocheiro. Não acredito que ainda seja necessário insistir no fato de que em circunstâncias análogas àquelas que expus sucessivamente seria absurdo duvidar da suposição de que os animais percebem realmente as mesmas visões que os homens. Não ignoro que, do ponto de vista estritamente científico, não temos, em circunstâncias como essas, a “prova absoluta” necessária para sustentar a hipótese em questão. Não ignoro isto de forma alguma. Mas lembrarei que esta objeção não tem nenhum valor

absoluto e que, ao contrário, ela se transforma em sofisma diante da acumulação imponente de “provas relativas”.

Lembro que o fantasma percebido tinha sido visto por várias pessoas na mesma localidade, enquanto que as três pessoas que estavam no veículo ignoravam isso, o que permite excluir por completo a hipótese da “atenção expectante”. Assim sendo, não nos resta mais nada a não ser reconhecer a natureza relativamente objetiva do fantasma, o qual pertence à classe das assombrações.

Caso 55 (Visual, com anterioridade do animal em relação ao homem)

Eu o encontro no *Phantasms of the Living*. O nome da mulher que contou este fato não foi mencionado; porém, ele é conhecido pelos membros do Conselho Diretivo da *Society for Psychical Research*. A senhorita K... escreveu:

“Era uma noite de inverno de 1892; encontrava-me em meu quarto, sentada ao lado do fogo, completamente concentrada em acariciar minha gatinha preferida. Ela estava encolhida em meus joelhos, com uma atitude quase sonhadora, com os olhos meio fechados, como que adormecida.

Apesar de não haver luz no quarto, os reflexos do fogo iluminavam todos os objetos. O cômodo onde estávamos tinha duas portas e uma delas dava para um aposento temporariamente fechado. A outra, localizada em frente da primeira, abria-se para um corredor.

Minha mãe tinha nos deixado há alguns minutos e a poltrona, confortável e antiga, com um encosto bem alto, onde ela estava sentada encontrava-se vazia do outro lado da chaminé. Minha gatinha, que estava com a cabeça apoiada em meus braços, parecia cada vez mais sonolenta e eu quis me deitar.

De repente, dei-me conta de que alguma coisa inesperada tinha perturbado a tranquilidade de minha gatinha. Ela parou bruscamente de rressonar e apresentou sinais visíveis de inquietação crescente. Estava debruçada sobre ela, esforçando-

me para acalmá-la com minhas carícias, quando, de repente, ela ficou sobre as quatro patas e começou a respirar profundamente, arqueando as costas e o rabo, com uma atitude de desafio e de terror.

Esta maneira de agir me fez erguer a cabeça e percebi com espanto um rostinho feio, enrugado, de uma megera velha, que ocupava a poltrona de minha mãe. Ela apoiava as mãos sobre os joelhos e inclinava o corpo, de modo a trazer seu rosto em minha direção. Os olhos penetrantes, brilhantes e malvados, fixavam-se em mim, imóveis; parecia-me que era o diabo me olhando. Suas vestes e o conjunto de seu aspecto pareciam os de uma mulher da burguesia francesa; mas não me preocupava com isso, pois seus olhos de pupilas estranhamente dilatadas e com uma expressão demasiado má absorviam completamente minha atenção. Teria desejado gritar com todas as minhas forças, mas aqueles olhos maléficos me fascinavam e prendiam minha respiração. Não podia desviar o olhar e ainda menos me levantar.

Enquanto isso, tratava de segurar minha gata, mas ela parecia não querer ficar ali. Após alguns esforços desesperados, ela conseguiu se liberar; saltando nas cadeiras, nas mesas e em tudo aquilo que ela podia encontrar em sua frente, ela se lançou várias vezes e com tamanha violência contra os vãos da porta que dava para o aposento fechado. Em seguida, virando-se para a outra porta, ela recomeçou a se atirar com uma ira ainda maior. Meu terror tinha então aumentado: ora eu olhava aquela megera cujos olhos maléficos continuavam a se fixar em mim, ora eu seguia com os olhos minha gata, que se tornava cada vez mais frenética. Finalmente, o desespero lamentável do animal tinha se transformado em furor; isso restituiu meu fôlego e comecei a gritar com todas as minhas forças.

Mamãe veio me socorrer rapidamente. Assim que abriu a porta, a gata pulou literalmente em sua cabeça, e durante meia hora ela continuou correndo pelas escadas de cima a baixo, como se alguém a perseguisse. Eu me virei para mos-

trar a minha mãe a causa de meu desespero. Tudo tinha desaparecido.

Em circunstâncias com esta, é bastante difícil ter a noção do tempo; todavia, imagino que a aparição tenha persistido durante quatro ou cinco minutos.

Soubemos em seguida que aquela casa tinha antigamente pertencido a uma mulher que tinha se enforcado naquele mesmo quarto.”

Senhorita K.

O general K..., irmão da percipiente, confirma o relato acima.

Para mais informações a esse respeito, remeto o leitor ao *Journal of the S. P. R.*, vol. III, págs. 268-271.

Este caso é incontestavelmente curioso, quer por si mesmo, uma vez que se trata de um fenômeno de assombração relacionado ao suicídio de uma anciã que tinha acontecido naquele mesmo quarto, quer por causa do paroxismo de terror verdadeiramente excepcional da pobre gata ao ver o fantasma repugnante que tinha de repente surgido em sua frente. Digo “fantasma” simplesmente, sem saber que outra coisa poderíamos imaginar para explicar o espanto extraordinário que tinha invadido a gata, espanto esse que nem sequer diminuiu após o desaparecimento da causa que o tinha provocado.

Podemos acrescentar que, também neste caso, a percipiente ignorava o drama que tinha acontecido naquele quarto; mesmo se a gata não tivesse sido a primeira percipiente, a senhorita K... não poderia se estimular no sentido de provocar em si mesma uma alucinação relacionada a um drama que ela ignorava.

Resulta daí que este relato constitui um exemplo autêntico, bastante interessante, de um caso de assombração com identificação de um fantasma.

Caso 56 (Visual-coletivo)

Eu o extraio dos *Annales des Sciences Psychiques* (1907, págs. 67 e 72, e 1911, pág. 161) . Ele se refere às famosas experiências clássicas do professor Ochorowicz com a médium

senhorita Stanislaw Tomczyk. No seu relatório de 16 de janeiro de 1909, ele conta:

“Na maioria das sessões anteriores, fizeram parte, na qualidade de testemunhos sem voz consultável, meus dois cachorros – um grande terra-nova e um pequeno cão fraldiqueiro de raça cruzada.

Por terem sido bem educados, eles não me incomodavam nunca e deitavam-se tranqüilamente no chão perto de uma poltrona, longe uns cinco metros do divã onde fazíamos a maior parte das experiências.

No momento em que a sonâmbula declarou que a pequena Stasia acabava de sentar-se à poltrona, o cãozinho, deitado na frente dela, se pôs a rosar.

Viro-me e vejo o cão fixando seu olhar na poltrona. O terra-nova dormia e não prestava atenção. Aliás, ele não podia ver a poltrona. Mas o cachorrinho rosou três vezes, levantando apenas a cabeça sem se mover. Ele se acalmou somente quando a sonâmbula declarou que a pequena não estava mais ali.”

Um pouco depois, no relatório da sessão de 19 de janeiro de 1909 (pág. 72), o professor Ochorowicz relata este incidente em que uma gata é a protagonista:

“O começo da materialização do espírito parece se confirmar pela atitude de uma gata branca que se encontrava na copa. Ela fixa com um espanto visível o lugar, sob a mesa, onde devia estar a pequena Stasia; inúmeras vezes ela desvia seu olhar para aquele lado; em seguida, ela se protege assustada e se mete num canto, atitude que não tomava nunca.”

No relatório de 17 de outubro de 1911 (*Annales*, 1911, pág. 161), encontramos um terceiro acontecimento do mesmo tipo, cujo protagonista é uma cachorra são-bernardo. Eis o que diz o professor Ochorowicz:

“Estou sentado à minha mesa de trabalho; a senhorita Tomczyk está na minha frente e nós conversamos. De repente, minha jovem cachorra da raça são-bernardo, que estava

deitada sob a mesa aos meus pés, se levanta e começa a rosnar, olhando para um canto do sofá que se encontra atrás de mim. Ela avança lentamente como que assustada e se põe a latir, sempre fixando os olhos no mesmo ponto, onde não havia nada.

A senhorita Tomczyk teve naquele momento um calafrio, que ela atribuiu à atitude incompreensível da cachorra.

– Ela estaria vendo alguma coisa?

– É sem dúvida a pequena Stasia – eu digo brincando – que veio nos encontrar... Peguemos a mesa girante.

A senhorita Tomczyk põe sua mão ali e aguardamos...

A pequena mesa se aproxima de mim como que para me cumprimentar com alegria.

– É você mesma, Stasia?

– Sim, respondeu a mesa...

Em seguida, decido fazer uma primeira sessão dois dias depois... A “pequena Stasia” se manifesta, mas ela se materializa tão pouco que a sonâmbula mal a percebe, enquanto que a cachorra não a vê de forma alguma...”

Os episódios que acabamos de transcrever, em que três animais tinham visto o fantasma enquanto que a própria médium só pôde conseguir vê-lo em condições de sonambulismo, levar-nos-ia a constatar que os animais superiores não somente compartilham com o homem a posse de faculdades paranormais subconscientes, mas também são aptos a exercê-las quase sem dificuldades. Sem excluir essa possibilidade, é preciso, entretanto, lembrar que nos casos de manifestações telepáticas, trata-se efetivamente do exercício de uma faculdade paranormal subconsciente transmitida pelo *eu* integral ou espiritual do agente e percebida pelo *eu* integral ou espiritual do percipiente, o qual a transfere ao seu *eu* inconsciente ou encarnado na forma de projeção verídico-alucinatoria, única forma acessível a uma personalidade dessa natureza. Porém, nos casos das experiências que acabamos de citar, poderíamos também explicar os fatos sem sair do exercício da visão terrestre, já que, nestes casos, o fantasma da “pequena

Stasia” conseguia se materializar de maneira mais ou menos vaga, de modo que conseguiram fotografá-lo. Para explicar estes fatos, bastaria, portanto, supor que as pupilas daqueles animais eram sensíveis aos raios ultravioleta (como uma chapa fotográfica) e que, por isso, eles conseguiram perceber com seus olhos corporais aquilo que permanece invisível aos olhos humanos.

Caso 57 (Visual-coletivo, com percepções diferentes)

Este fato se encontra nos *Annales des Sciences Psychiques* (1911, pág. 55).

O senhor M. G. Llewellyn, um conhecido escritor inglês, começa prevenindo os leitores de que ele não é espírita e de que nada conhece sobre Espiritismo. Até então ele nunca tinha assistido a sessões mediúnicas nem tinha lido livros ou revistas que tratassem desses assuntos. Unicamente, diferentes pessoas garantiram-lhe que ele é um “sensitivo”. Após estas premissas, ele continua:

“Numa noite, da qual jamais esquecerei, encontrava-me em meu estado normal de saúde, bastante calmo, e tinha jantado como de costume. Estava deitado há pouco tempo e me encontrava num estado tranqüilo de sonolência. O quarto estava mergulhado na mais pacata escuridão, pois eu tinha apagado a luz elétrica e tinha fechado as amplas e espessas cortinas que cobriam duas grandes janelas. Meu gatinho, que sempre dormia em minha cama, lá estava como de costume e repousava sossegadamente.

Enquanto estava assim, com os olhos meio fechados, percebi aparecer subitamente no alto da parede, à direita (do lado em que estava virado), um longo rastro de luz, de um azul-claro e charmoso. Ele se movia na direção da janela da direita e eu o olhava fascinado.

Que coisa estranha! – pensei. Nunca tinha visto o clarão da Lua dessa forma com as cortinas fechadas e, depois, não é um azul que vem do clarão da Lua; ele se movia de uma maneira bastante estranha!... O que poderia ser isso?... Ob-

viamente deve ser o clarão da Lua, e talvez algumas nuvens estejam passando por ela.

A luz, de um azul que nunca tinha percebido antes e que nunca mais revi, continuava a entrar no quarto, sempre do mesmo lado, perto do teto, e olhei estupidamente por cima da porta, de onde caía uma portinhola vermelha, como se a luz pudesse atravessar uma muralha!

Finalmente pulei da cama, abri as cortinas e as persianas e olhei pela janela. Meu olhar espantado viu somente uma escuridão impenetrável. Nenhuma Lua, nenhuma estrela, nem sequer a mínima claridade! Não podia ver nem a estrada nem a fileira de árvores que ali se encontrava – nada. Os postes de luz das ruas estavam sempre apagados durante a madrugada no lugar onde moro, e as trevas eram absolutas.

“Seria então alguém com uma lanterna ou um projetor?”, perguntava a mim mesmo, ainda espantado, voltando para minha cama. Não estava de forma alguma amedrontado e a idéia de que pudesse haver em tudo aquilo alguma coisa de sobrenatural nem sequer tinha me ocorrido.

Enquanto torturava assim meu cérebro, meu gato pulou de repente embaixo da cama, com o pelo todo eriçado, os olhos cintilantes e, num salto, foi até a porta, onde começou a arranhar raivosamente a portinhola, ao mesmo tempo em que emitia os miados mais lamentáveis que eu já tinha ouvido. Estava certamente um pouco assustado; todavia, assim mesmo, não pensava em nada de sobrenatural, pensava somente que o gato tinha ficado louco de repente. Este novo acontecimento tinha me feito esquecer por completo a luz azul.

Sofri tanto ao ver o terror do pobrezinho que o peguei em meus braços e tratei de acalmá-lo. Todo trêmulo, o gatinho se segurava em mim, escondendo a cabeça, e parecia tomado pelo mais intenso pavor. Eu o acariciava e o adulava, e ele ia pouco a pouco se acalmando; mas, para o meu grande espanto, ele ficava de um lado da cama, olhando aterrorizado, os olhos chamejantes e o pelo novamente eriçado. Não via na-

da; no entanto, estou absolutamente convencido de que o gato percebia alguma coisa e nada podia convencer-me do contrário.

Sentindo-se seguro em meus braços, agora que o choque do terrível espetáculo – qualquer que tenha sido ele – tinha passado, o pobre Fluff esticava o pescoço e olhava embaixo, na direção do tapete, seguindo os movimentos do inimigo, com se este, invisível para mim, fosse de lá para cá ao longo da cama, virando-se para a pia. A “coisa”, ou o que quer que fosse, estava sobre o assoalho e não fazia nenhuma tentativa para subir na cama. Se “aquilo” tivesse se aproximado de nós, estou certo de que Fluff morreria de medo na hora. Olhei em minha volta na direção do olhar do gato, mas não via nada além do tapete!

Sem dúvida, não devo me esquecer de que vi a luz azul enquanto o gato dormia. Poderiam supor que meu medo da luz tinha sido comunicado ao gato, mas eu não estava com medo; achei inclusive que se tratava de algo normal...

Em todo caso, o que meu gato viu devia ser um objeto bem tenebroso, pois Fluff é bastante tranqüilo, o mais gentil animal que já conheci. Durante bastante tempo, acreditamos inclusive que ele talvez fosse mudo, já que quase nunca ouvíamos seus miados.”

Sobre este interessante relato, apresso-me primeiramente em observar que o terror manifestado pelo gato não deve obrigatoriamente nos levar a acreditar que ele tenha visto alguma coisa horrível. Inúmeros exemplos atestam que os animais são tomados por um susto irresistível na presença de qualquer fantasma, até mesmo o mais angelical deles. O que determina o terror deles é a intuição instintiva que eles possuem diante de um fenômeno paranormal.

Quanto ao fenômeno da luminosidade errante que o senhor Llewellyn tinha observado anteriormente, este serve para apoiar a gênese paranormal da manifestação percebida pelo animal; ele demonstra, de fato, que ao longo daquela noite e naquele lugar aconteciam realmente manifestações paranormais, cujos especta-

dores eram, de diferentes maneiras, um gato e seu dono. Dissemos que esta diferença de percepções, bastante freqüente nas manifestações paranormais, é explicada através das idiossincrasias dos percipientes e por meio das quais uma mesma manifestação paranormal pode não afetar de forma visual a mente de uma pessoa, mas pode ser parcialmente transmissível de forma auditiva, tátil, olfativa ou emocional. De fato, são somente modos diferentes por meio dos quais pode ser transmitido, indiferentemente, o mesmo impulso espiritual-telepático, o qual, por sua vez, para passar do subconsciente para o consciente segue a “via de menor resistência” definida pelas idiossincrasias sensoriais próprias a cada um dos percipientes.

Tudo isso remete às manifestações paranormais percebidas coletivamente através dos diferentes sentidos. Porém, o mesmo fenômeno pode se produzir pelas manifestações paranormais percebidas coletivamente através de um mesmo sentido, como aconteceu no caso relatado pelo senhor Llewellyn. E estas diferenças de percepção de um fenômeno são bastante freqüentes nas manifestações metapsíquicas. Lembro-me de que, durante as sessões com William Stainton Moses, no local onde o médium percebia uma Entidade espiritual, as testemunhas viam freqüentemente uma coluna luminosa e, às vezes, uma simples faixa brilhante em movimento na parede, normalmente de cor azul, como no exemplo que acabamos de citar; portanto, isto pode perfeitamente ser explicado da mesma maneira, ou seja, supondo que o animal tenha notado um fantasma onde seu dono só percebia uma faixa errante e azulada.

Caso 58 (Visual, com anterioridade do animal em relação ao homem)

Publicado também pelos *Annales des Sciences Psychiques* (1907, pág. 423), este caso é parte integrante da história misteriosa de “Noula”, transcrita pelo coronel Albert de Rochas. Refere-se a uma jovem russa de alta linhagem, descendente dos príncipes de Radziwill, que sentia constantemente ao lado dela um fantasma feminino por ela chamado “Noula”, cuja realidade objetiva foi provada pelo fato de que ele foi fotografado inúmer

ras vezes. Na primeira vez em que “Noula” apareceu, ela foi percebida antes pelo cavalo da jovem russa, a quem devemos o relato deste fato.

“... Sempre convivi com esse personagem a quem chamo “Noula”. Quando era criança, não a via, mas sempre tive para mim a impressão de não estar sozinha. Sempre me escutavam responder questões que pareciam, para os outros, solilóquios criados pela minha imaginação. Com quem eu conversava? Não sei e não tenho de forma alguma lembrança do que estou falando; mas meu pai, quando me submeteu aos exames médicos, lembrou-se perfeitamente do fato. O que posso afirmar aos senhores é que não sentia nenhum prazer em brincar com as outras crianças, pois sentia-me bem sozinha; aliás, sozinha eu não estava.

Vi “Noula” quando entrava na adolescência, logo mocinha. Sua primeira aparição aconteceu num dia em que andava a cavalo com meu pai, que sempre me acompanhava. Ela parecia tão espantosa que na hora pensei tratar-se de uma alucinação. Eis como foi:

Costumeiramente montava num cavalo acostumado comigo e adestrado para a sela. Naquele dia, tive vontade de montar num cavalo garanhão que nunca tinha sido montado antes. Inicialmente consegui dominá-lo; em seguida, inesperadamente, ele partiu à toda. O que aconteceu? Não sei, mas, subitamente, ele se acalmou e, diante dos meus olhos, vi “Noula”, bastante nítida! Acreditei por um instante tratar-se de uma pessoa que, vendo-me em apuros, tivesse parado meu cavalo e eu quis agradecer-lhe. Então meu pai veio ao meu encontro e começou a me advertir meigamente por causa de meu desatino; porém, de repente, olhando para mim, ele me viu tão fora do normal que sentiu medo, muito medo! (Exatamente naquele momento experimentei algo estranho que continuo a sentir algumas vezes: é a sensação de um vazio imenso, como se pairasse no ar). Embora ele não cansasse de me chamar, eu não respondia. Então ele me pegou em seus braços e me desceu, mas eu continuava com aquele olhar fixo e aqueles olhos dilatados que tanto o assustavam.

Isto não durou mais que um minuto; no entanto, foi longo demais. Quando voltei a mim, minha primeira frase foi? “Você a viu?”. Meu pai não entendeu nada e os olhos dele me olhavam com tanta preocupação que logo compreendi seu pensamento. Narrei a ele o que tinha acontecido e, com sua lógica de matemático, ele inferiu que o susto tinha me causado uma alucinação. Mas eu sabia que não! Fiz que aceitei a sua explicação apenas para tranquilizá-lo. Pobre papai, temia por minha sanidade mental.

Nós voltamos sem mais problemas; fazia todos os esforços para parecer feliz, contudo sentia medo! Ao chegar, meu pai me levou até o quarto, pois ele via bem que eu estava sofrendo. Ele se afastou um pouco para me deixar fazer o toalete. E então, quando fiquei sozinha, “Noula” voltou! Meus gritos chamaram meu pai, que chamou o doutor, pois ele não via nada. E quando ele chegou, acalmou-me com quinze gotas de ópio, que me fizeram adormecer.

Eis, senhor, a primeira aparição de “Noula”... E desde então “Noula” se tornou cada vez mais presente em minha vida, principalmente depois que comecei a enfraquecer, pois a tristeza de minha existência influi negativamente em meu estado de saúde. Sou bastante anêmica e frágil. “Noula”, ao contrário, é muito forte e robusta.”

Interrompo aqui este impressionante relato de onde retirei o episódio que acabamos de ler; o que vem depois não entra, para dizer a verdade, no conjunto do assunto que tratamos. Acrescentarei somente que a jovem em questão, na esperança de que o coronel De Rochas pudesse livrá-la desse fantasma obsessivo, foi à França tratar-se; infelizmente, ao voltar a Varsóvia, ela adoeceu e morreu.

Do contexto do caso apresentado, retiramos o fato de o cavalo ter visto o fantasma de “Noula” antes da moça e de que a aparição da Entidade exerceu de imediato uma influência calmante no animal. Entretanto, como este efeito é diametralmente oposto àquele que provoca a visão de um fantasma nos animais, é forçoso deduzir que o fato aconteceu em conformidade com a

vontade do próprio fantasma, o qual tinha se disposto a salvar de um grave perigo a moça com a qual ele estava relacionado.

No entanto, como explicar a presença e a persistência desse fantasma misterioso? Albert De Rochas fica em dúvida entre a hipótese do “desdobramento”¹² da percipiente e o caso de “vampirismo”.¹³ A favor da primeira hipótese, podemos citar a observação da narradora de que no momento em que “Noula” tinha lhe aparecido, ela tinha experimentado uma estranha sensação de imenso vazio, simultaneamente com a sensação de pairar no ar – observação que nos permitiria efetivamente supor o fenômeno de “desdobramento”. Contudo, neste caso, o receptor deveria ter visto a imagem espectral de si própria, e não a de uma outra pessoa, fisicamente bastante diferente dela; a percipiente era loira, magra e pálida, enquanto que “Noula” aparecia morena, forte e saudável. Considerando-se este detalhe, a sensação de vazio sentida pela percipiente deveria se explicar se atribuirmos ao fato uma subtração de força vital de seu organismo pela Entidade sempre que se manifestou.

No tocante à hipótese de um fenômeno de “vampirismo” exercido por “Noula” sobre a percipiente, Albert De Rochas o examina levando em conta principalmente o definhamento progressivo do estado de saúde da referida jovem, definhamento esse que poderíamos racionalmente atribuir a uma subtração persistente de força vital exercida pelo fantasma de “Noula”. O fantasma deveria assim ser visto como uma Entidade espiritual inferior que ainda desejava viver e que, tendo encontrado na constituição orgânico-funcional da jovem uma pessoa para alimentar sua força vital, teria se apossado dela para sentir novamente o meio terrestre, vivendo sua existência por reflexo. Conhecemos alguns exemplos cientificamente estudados que sugerem esta hipótese, porém trata-se, no momento, de casos muito raros e que podem ser explicados de outra forma; assim sendo, eles não poderiam servir como uma “hipótese de trabalho” qualquer, e menos ainda como uma teoria nítida e bem definida do gênero que os ocultistas batizaram de “vampirismo”. Melhor seria não emitir qualquer julgamento conclusivo a este respeito, deixando aos pósteros a solução do problema.

* * *

Para nove outros casos que se encaixam nesta categoria, remeto o leitor aos livros e às publicações seguintes:

- **Caso 59** (Visual-auditivo-coletivo) – *Proceedings of the S. P. R.*, vol. V, pág. 470;
- **Caso 60** (Visual-coletivo) – *Idem*, vol. VI, pág. 247-248;
- **Caso 61** (Visual-coletivo) – *Idem*, vol. X, págs. 329-330;
- **Caso 62** (Auditivo-coletivo, com anterioridade do animal em relação ao homem) – *Light*, 1903, pág. 141;
- **Caso 63** (Visual-auditivo-telecinésico-coletivo, com anterioridade do animal em relação ao homem, assombração) – *Journal of the S. P. R.* vol. III, págs. 241, 245, 246, 248, 249, 250, 252, 325, 326, 327;
- **Caso 64** (Visual-coletivo) – *Idem*, vol. IV, pág. 139;
- **Caso 65** (Visual-coletivo) – *Idem*, vol. IV, pág. 215;
- **Caso 66** (Visual-coletivo) – *Idem*, vol. VIII, pág. 309;
- **Caso 67** (Visual-coletivo-sucessivo) – *Idem*, vol. IX, pág. 245.

Quinta categoria

Animais e pressentimentos de morte

Esta categoria está subdividida em três subgrupos distintos, mas somente o terceiro possui uma importância especial em relação ao assunto que tratamos.

O *primeiro subgrupo* se refere aos casos de manifestações premonitórias percebidas coletivamente pelos animais e pelo homem; circunstância interessante, mas que, a nosso ver, não difere em nada das outras circunstâncias já examinadas nas categorias anteriores.

O *segundo subgrupo* é composto por casos em que os acontecimentos premonitórios se repetem tradicionalmente numa mesma família, adquirindo normalmente uma forma simbólica, isto é, o acontecimento de morte é anunciado pela aparição – por exemplo, por uma *dama de branco* (como na família dos Hohenzollern) – ou pelo tiquetaquear característico que denominamos de “relógio da morte”, ou pelo estouro de um tiro de fuzil, ou, finalmente, pela aparição de um fantasma animal, sempre o mesmo para uma determinada família. Como podemos ver, o segundo subgrupo, em que o fantasma animal é apenas um símbolo, não apresenta nada em comum com as manifestações que tratamos neste livro, exceto a simples aparência.

Finalmente, o *terceiro subgrupo* é constituído por casos que julgamos importantes, pois eles se referem às faculdades premonitórias da “psique” animal e consistem no fato de que os animais domésticos manifestam algumas vezes a faculdade de pressentir, a curto termo, a passagem de uma pessoa de seu meio, anunciando-a por gemidos e berros característicos. Essa faculdade de várias espécies animais é bastante conhecida; os “ganidos de morte” dos cachorros fazem parte das tradições de todos os povos. Assim sendo, tratar-se-ia de uma faculdade análoga à faculdade premonitória do homem, embora esta esteja circunscrita em limites mais simples.

Nestas condições, limitar-me-ei a transcrever um só exemplo pertencente ao primeiro subgrupo e dois outros, bem curtos, pertencentes ao segundo, reservando-me a desenvolver de maneira mais adequada o assunto do terceiro subgrupo.

Primeiro subgrupo

Manifestações de morte percebidas coletivamente por homens e por animais

Caso 68 (Auditivo-coletivo)

Este caso foi publicado pela senhora Sidgwick no seu livro sobre premonições (*Proceedings of the S. P. R.*, vol. V, págs. 307-308) e coletado e estudado por Fredrich Myers em abril de 1888.

A senhora Cowpland Trelaor conta:

“Durante uma noite do mês de junho de 1863, em nossa residência no vicariato de Weeford (Staffordshire, Inglaterra), minha irmã e eu fomos acordadas por uivos lastimosos. Visitamos todos os cantos da casa, sem nada descobrir. Nesta primeira circunstância nem nossa mãe nem os empregados foram acordados por aqueles gritos; mas, em contrapartida, encontramos nosso cão buldogue com o focinho enfiado numa pilha de lenhas e tremendo de medo. No dia 28 do mesmo mês nossa mãe morreu.

O segundo caso que relataremos foi o mais impressionante e se produziu no mesmo vicariato, em agosto de 1879. Fazia algum tempo que nosso pai estava doente, mas suas condições de saúde permaneciam estáveis; no domingo de 31 de agosto, ele celebrava ainda na igreja, apesar de vir a morrer nove dias depois. A família era, naquela época, composta por nosso pai, minha irmã, meu irmão, dois empregados, a ama e eu. Nós dormíamos em quartos separados, distribuídos pela casa; esta, para uma residência paroquial, era bastante ampla.

Aquela era uma noite calma e serena dos últimos dias de agosto; nenhuma via férrea existia nas redondezas; não existiam casas na vizinhança, nem ruas que pudessem ser percorridas por algum transeunte retardatário; o silêncio era absoluto e a família permanecia mergulhada no sono. De repente, entre meia-noite e meia-noite e quinze, fomos todos despertados, exceto nosso pai, por uivos inesperados, aflitos e assustadores, com uma entonação diferente de qualquer voz humana e análoga àquela anteriormente escutada na ocasião da morte de nossa mãe, mas infinitamente mais forte. Os gritos vinham do corredor que levava ao quarto de nosso pai. Minha irmã e eu descemos da cama (ninguém teria dormido com tamanho tumulto); acendemos uma vela, fomos ao corredor sem sequer pensar em nos vestir; lá, encontramos meu irmão e os três empregados aterrorizados como nós. Embora a noite estivesse calma, aqueles uivos desesperados eram acompanhados de rajadas de vento que pareciam repercuti-los ao longe: ter-se-ia dito que eles saíam do teto. Eles persistiram durante mais de um minuto, para em seguida se dissiparem pela janela.

Uma estranha coincidência se ligou a esse acontecimento; nossos três cães, que dormiam comigo e com minha irmã, tinham corrido rapidamente para se esconderem nos cantos, com os pelos das costas eriçados. O buldogue tinha se escondido sob a cama e, como não conseguia fazê-lo sair com um chamado, tive de arrastá-lo à força; foi quando constatei que ele se agitava, tremendo convulsivamente.

Corremos para o quarto de nosso pai, onde pudemos ver que ele dormia tranqüilamente. No dia seguinte, com as devidas precauções, nós fizemos, na sua presença, alusões aos acontecimentos da noite, e isto nos permitiu constatar que ele não tinha escutado nada. Ora, como era impossível dormir normalmente enquanto ressoavam aqueles gritos atrozes, é necessário supor que para ele os gritos não ressoavam. Quinze dias depois aproximadamente, e mais precisamente no dia 9 de setembro, nosso pai morreu.

E eis aqui o terceiro caso. Em 1885, eu me casei e fui morar em Firs (Bromyard), onde vivia minha irmã, senhora Gardiner. Meu irmão permaneceu a 35 km de distância e gozava naquela época de boa saúde. Numa noite, em meados de maio, minha irmã, a doméstica Emilie Corbett, os outros empregados e eu (meu marido estava ausente) ouvimos novamente os costumeiros uivos desesperados, embora menos terríveis que os da última vez. Pulamos de nossas camas, vasculhamos a casa e nada encontramos. No dia 26 de maio de 1885 meu irmão morreu.

O quarto caso aconteceu no fim do mês de agosto de 1885. Emilie Corbett, os outros empregados e eu ouvimos novamente aqueles lamentos pungentes. No entanto, como nossa casa não ficava isolada, assim como o presbitério dos Weeford, e os uivos já não eram tão veementes quanto naquela ocasião, tive a sensação de que eles podiam vir de algum transeunte, embora não pudesse evitar uma certa preocupação com minha irmã, senhora Gardiner, que, naquele momento, não se sentia muito bem. Ao contrário, nada aconteceu com ela, que vive ainda. Mas outra de nossas irmãs, senhorita Annie Cowpland, que estava perfeitamente saudável no momento em que os gritos foram ouvidos, morreu uma semana depois de difteria.”

Senhora Cowpland Trelaor,
Senhora Cowpland Gardiner,
Emily Corbett.

Avaliemos rapidamente este caso bastante interessante, estudado por Myers. Como já dissemos, do ponto de vista da classificação, este não possui nenhuma importância especial e é análogo aos casos relatados na quarta categoria, exceto a circunstância de que aqui não se trata mais de uma visão coletiva de fantasma, mas sim da percepção de sons de natureza paranormal. Lembremos que o fato em si do pré-aviso de morte, transmitido neste caso sob a forma de gritos desesperados, explica-se a partir das idiossincrasias pessoais dos sensitivos para os quais a mensagem é transmitida; quer dizer que, ordinariamente, a forma de realiza-

ção dos fenômenos premonitórios, assim como qualquer fenômeno paranormal, representa tão somente a “via de menor resistência” percorrida pela mensagem em curso, vinda do além ou das profundezas do subconsciente até a consciência dos sensitivos. Isto, obviamente, remete às manifestações de ordem subjetiva que constituem a grande maioria dos casos de realização inteligente, enquanto que as circunstâncias de fantasmas ou de percepções fônicas de natureza objetiva se realizam em função de um sensitivo que fornece fluidos e força àquele que se manifesta, independentemente das idiosincrasias dos percipientes. Ora, no fato que acabamos de expor, notamos que existe a circunstância dos animais que perceberam, ao mesmo tempo em que os seres humanos, o som dos gritos premonitórios, circunstância esta que nos levaria a supor que se tratava, dessa vez, de sons objetivos. Neste caso, a circunstância do pai doente que não tinha escutado nada (porque ele *não devia* escutar) deveria se explicar com a suposição de que ele se encontrava mergulhado em um estado de sonambulismo.

Segundo subgrupo

Aparições de animais sob a forma premonitório-simbólica

Como acabamos de constatar, os fantasmas animais que têm estritamente a função de símbolo não pertencem à categoria de manifestações presentes neste livro, mas sim à categoria de “simbolismo nas manifestações metapsíquicas em geral” – um assunto de que tratei em outra monografia específica.¹⁴ Nessas ocasiões, o fantasma animal, independentemente de qualquer verossimilhança, representa apenas uma projeção alucinatória de uma idéia pensada e transmitida intencionalmente pelo agente telepático, e isso em conformidade com a circunstância de que, naquele meio familiar existe uma tradição segundo a qual a aparição de um fantasma específico equivale a um pré-aviso de morte iminente na família. Conseqüentemente, esta forma de premonição dependeria também de um tipo de idiosincrasia que

teria se perpetuado de geração em geração entre os membros da mesma família.

Conhecemos exemplos de mensagens simbólicas premonitórias que, desde muitos séculos atrás, repetem-se de forma idêntica, em um mesmo meio familiar; porém, tais mensagens são constituídas por simbolismos diferentes daqueles que tratamos aqui. Devo acrescentar que os casos nos quais o simbolismo adquire a forma de um fantasma animal são raros e compreendem apenas um pequeno número de repetições da mesma aparição; assim sendo, deveríamos encará-los apenas como episódios rudimentares de simbolismo premonitório.

Eis, como exemplo, dois breves casos:

Caso 69 (Visual)

Este caso encontra-se nos *Proceedings of the S. P. R.*, vol. V, pág. 156. A senhora E. L. Kearney relata:

“17 de janeiro de 1892.

Meu avô estava doente. Descia, numa noite, pela escada interna de nosso apartamento, quando percebi, no corredor, um gato estranho que vinha em minha direção. Assim que me viu, ele correu para se esconder atrás de uma porta que dividia o corredor em duas partes. Essa porta ficava sempre aberta. Corri imediatamente até ela para espantar o estranho animal, mas fiquei extremamente surpresa ao ver que nada havia ali; foi impossível encontrar alguma coisa no restante do apartamento. Conteí logo o ocorrido à minha mãe (ela me disse, há alguns dias, que se lembrava perfeitamente do incidente). Meu avô faleceu no dia seguinte.

Isso parece ainda mais interessante se o considerarmos em relação à outra circunstância. Minha mãe me contou que, na véspera do dia da morte de seu pai, ela também tinha percebido um gato que andava ao redor da cama do doente. Ela havia, como eu, tentado espantá-lo e, igualmente, nada tinha encontrado.

Caso 70 (Visual)

Retirado dos *Proceedings of the S. P. R.*, vol. V, pág. 302. Eis o relato da senhora Welman:

“Existe no tronco familiar materno de minha família uma tradição segundo a qual, pouco tempo antes da morte de algum de seus membros, um enorme cão negro aparece a um ou outro dos parentes. Num dia de inverno de 1877, por volta da hora do jantar, eu descí ao andar térreo; a casa estava iluminada e, enquanto me dirigia até o corredor que levava à escada, vi de repente um enorme cão preto que andava diante de mim sem fazer barulho. Naquela penumbra, pensei que se tratava de um cão pastor, entre os muitos que possuíamos, e chamei: “Lady!”, mas o cão não se virou e pareceu não ter me ouvido. Eu o segui. Sentia uma leve sensação de mal-estar que, por sua vez, transformou-se em profundo espanto quando, chegando ao fundo da escada, vi desaparecer diante de mim todo e qualquer traço do cão, embora as portas estivessem todas fechadas. Não falei disso a ninguém, mas não podia me impedir de pensar constantemente no que tinha acontecido. Dois ou três dias depois, recebemos da Irlanda a notícia da morte inesperada de uma tia, irmã de minha mãe – fato que aconteceu após um acidente.

Terceiro subgrupo

Pressentimentos de morte em que animais são percipientes

Esta é uma das mais curiosas e misteriosas faculdades da psique animal. Na introdução desta categoria, já tinha dito que ela consistia na possibilidade de os animais domésticos manifestarem às vezes a faculdade de pressentir, a curto termo, a morte de uma pessoa de seu meio, anunciando-a com ganidos e latidos característicos. Acrescentei que esta capacidade de várias espécies animais é bastante conhecida; entre as tradições dos povos, existe também aquela que fala dos “ganidos de morte” dos cães. Tratar-se-ia, portanto, de uma autêntica faculdade “premonitória”.

ria” dos animais, embora ela pareça mais limitada que a faculdade análoga manifestada esporadicamente no homem.

Caso 71

O doutor Gustave Geley, primeiro diretor do Instituto Metapsíquico Internacional de Paris e autor de obras metapsíquicas célebres, hoje clássicas, teve de fazer uma experiência pessoal dessa faculdade paranormal dos animais e a descreve assim em seu livro *De l’Inconscient au Conscient* (pág. 192):

“... Os “uivos de morte” dos cães não devem ser ignorados jamais, especialmente quando são ouvidos em circunstâncias trágicas.

Numa noite eu cuidava, na qualidade de médico, de uma jovem que, em perfeito estado de saúde, naquele momento foi acometida por um mal agudo e agonizava. A família estava comigo no quarto, silenciosa e amedrontada. A doente se queixava. Era uma hora da manhã (a morte aconteceu no mesmo dia).

De repente, no jardim ao redor da casa, ressoaram ganidos de morte vindos de um animal da casa. Eram uivos lamentosos, lúgubres, numa nota só, emitidos primeiramente num tom elevado que em seguida foi decrescendo, até que desapareceu suavemente, bem lentamente.

Houve um silêncio por alguns segundos e o queixume infinitamente triste recomeçou, idêntico e monótono. A doente teve um momento de lucidez e nos olhou ansiosa. Ela tinha compreendido. O marido desceu depressa para calar o cão. Ao se aproximar, o cão se escondeu e foi impossível, na escuridão da noite, encontrá-lo. Assim que seu marido subiu novamente, a queixa recomeçou e continuou, durante uma hora, até que o cão foi pego e levado para longe.”

O que devemos pensar no caso de manifestações como esta? O relator deste caso era um homem de ciência digno; a veracidade do fato é incontestável, os ganidos do cão foram evidentemente bastante característicos; o pressentimento de morte se realizou; não poderíamos então evitar a conclusão de que o cão

tenha tido realmente a premonição do falecimento de uma pessoa de seu meio, exceto se preferirmos explicar os fatos a partir da hipótese das “coincidências fortuitas”. Nesse caso, restaria explicar porque os cães possuem, em certas circunstâncias, uivos absolutamente característicos e que o relator descreveu com tamanha precisão. Aliás, se a hipótese das “coincidências fortuitas” pode ainda ser sustentada num caso isolado, ela não o poderia mais se as manifestações dessa natureza se realizassem com frequência.

Caso 72

Este fato foi incluído no livro de Robert Dale Owen, *The Debatable Land* (pág. 282), onde o autor informa que há mais de trinta anos é amigo íntimo da família em que se produziu o caso exposto por ele; depois, ele prossegue dizendo:

“A senhorita Hass, então com vinte anos, tinha um irmãozinho de dois anos que, por sua vez, possuía um cãozinho, fiel companheiro de quem gostava muito e que também gostava muito dele; dir-se-ia que o cão cuidava dele com um cuidado paterno... Um dia, o bebê corria de lá para cá na sala quando tropeçou no tapete e caiu. Sua irmã correu até ele e, tendo-o levantado e lhe feito afagos, conseguiu acalmar seu choro. No entanto, no jantar, os pais notaram que o bebê esticava a mão esquerda, ao invés da direita; constataram então que ele sequer conseguia mover esta última. Fizeram fricções com álcool canforado no braço do doente, sem que a criança se queixasse do que quer que fosse, e o colocaram novamente à mesa. De repente, o cãozinho se aproximou da cadeira do bebê e começou a se queixar e a latir de maneira deferente. Trataram de afastá-lo, mas ele continuou a ganir no cômodo ao lado. Foi então que o fizeram sair para o jardim; ele se colocou sob a janela da criança, retomando seus lamentos, com curtos intervalos de trégua, e continuou assim durante toda a noite, apesar das tentativas para espantá-lo dali.

Na noite do mesmo dia, o garotinho adoeceu gravemente após a queda e morreu a uma hora da manhã. Enquanto ele ainda estava vivo, os ganidos indescritivelmente tristes do cão se repetiram em pequenos intervalos; assim que o bebê faleceu, o cão silenciou, para não mais continuar, nem na hora, nem depois.”

No primeiro caso o pressentimento de morte envolvia alguém que agonizava; seus familiares sequer se iludiam com o desaparecimento iminente da doença. Neste segundo exemplo, pelo contrário, o presságio de morte envolve uma criança que parece saudável e cuja atitude não permite entrever as conseqüências fatais da queda ocorrida algumas horas antes, de modo que a família não tinha nenhuma preocupação sobre isto. Segue daí que a premonição de morte manifestada pelo cão parece, nesta circunstância, ainda mais impressionante que no caso precedente. No primeiro caso, poderíamos talvez objetar que o cão tinha tido, por telepatia, a influência do pensamento dos familiares da pessoa em agonia; no segundo caso tal objeção é completamente excluída.

Casos 73, 74 e 75

A senhora Carita Borderieux, atualmente diretora da revista *Psychica*, publicou na *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme* (1918, pág. 136) um artigo sobre os pressentimentos de morte nos animais e do qual extraio estes três casos reunidos pela própria autora:

“Primeiro caso:

Uma de minhas amigas morava em Neuilly-sur-Seine, onde morreu de tuberculose. Sua agonia foi perturbada pelos sinistros ganidos de um cão das vizinhanças. Os pais da doente, desesperados por não poderem silenciar o animal, normalmente calmo, deram ordem para que levassem até ele um pedaço de carneiro que tinham acabado de preparar. Tentativa inútil: o cão desprezou o succulento pedaço e continuou a “gritar para a morte”.

Segundo caso:

O senhor Marcel Mangin, famoso pintor e psiquista, morto em 1915, tinha um cão dotado da faculdade de pressentir a morte das pessoas da família. Antes mesmo que o doente pudesse causar preocupações às pessoas que estavam a sua volta, o animal se punha a ganir de maneira estranha, tanto que acabavam notando as previsões e se assustando com elas.

O senhor Marcel Mangin teve morte súbita por embolia. Ora, no dia anterior, enquanto nada fazia prever uma morte tão próxima, o cão se pôs a ganir de maneira significativa.

– Que quer dizer este cão vil? – perguntaram-se o senhor e a senhora Mangin.

No dia seguinte, o pintor estava morto...

Assustada e injusta, é preciso admitir, a senhora Mangin sacrificou o animal.

Terceiro caso:

A senhora Camille, célebre vidente de Nancy, contou-me que tinha tido uma cachorrinha dada a exteriorizar pressentimentos de morte.

O marido da senhora Camille estava doente há muito tempo, mas, embora seu estado não apresentasse nenhum agravamento, o animalzinho se meteu subitamente embaixo da poltrona onde ele se descansava e se pôs a emitir um uivo lamentoso.

– Que tem esse animal? – disse o doente. – Dir-se-ia que ele anuncia minha morte...

Acalmaram o doente e afastaram o animal. No dia seguinte, o marido da senhora Camille faleceu.”

Dos três casos citados pela senhora Borderieux, o que envolve o falecimento do senhor Marcel Mangin, psiquista bastante conhecido, é o mais impressionante; primeiramente, porque envolve uma circunstância análoga àquela do caso precedente, ou seja, o cão começou a “ganir para a morte” quando seu dono ainda gozava de excelente saúde e nada podia fazer prever a iminência de seu fim; em segundo lugar, porque soubemos

através desse relato que o mesmo cão já tinha, noutras ocasiões e da mesma maneira, anunciado acontecimentos iminentes de morte na família.

No primeiro dos três casos citados, não podemos deixar de achar característico o incidente do cão que recusa um pedaço de carne suculento, preferindo não interromper seu misterioso mandato de “uivar para a morte”. Diríamos que nestas ocorrências os animais se encontram em condições de semi-sonambulismo, em que o automatismo subconsciente, ao comandar o campo de consciência deles, torna-os insensíveis a algumas tentações dos sentidos que seriam irresistíveis numa situação normal.

Caso 76

O senhor William Ford, residente em Reading (Inglaterra), escreveu na revista *Light* o seguinte (1921, pág. 569):

“Durante minha juventude, eu possuía um cão pastor de raça cruzada e com rabo curto, adestrado por mim para reunir e guiar carneiros e bois. Passamos juntos muitos dias felizes na fazenda de meu pai; mas chegou o dia em que os negócios me obrigaram a deixar a casa e meu cão foi dado a um velho fazendeiro residente perto de Maidstone. Logo esse velho e o cão tornaram-se companheiros inseparáveis: onde quer que o homem fosse o animal o seguia, e essa amizade afetuosa continuou assim por três anos.

Numa manhã, o velho fazendeiro não se levantou na hora costumeira e seu filho foi ver o que poderia significar esta infração dos hábitos paternos. O genitor, com a maior calma, anunciou que sua hora tinha chegado e pediu que lhe trouxessem o cão, pois ele queria vê-lo mais uma vez antes de morrer.

O filho tentou dissuadir o pai, dizendo que aquelas afirmações eram nada mais que produto de uma lúgubre fantasia; porém, como sua insistência contrariava o velho, ele foi procurar pelo cão e o trouxe até ele. Assim que o animal entrou no quarto, saltou sobre a cama e consolou seu dono; de-

pois se meteu num canto e começou a ganir lastimosamente. Levaram-no dali e o acariciaram; nada podia reconfortá-lo ou fazê-lo calar. Ele acabou se metendo em seu canil, entregue a um abatimento tão profundo e tão desesperado que acabou morrendo às 20:30. Seu velho dono o seguiu ao outro lado às 22 horas.

Dez anos depois, eu estava sentado num círculo experimental particular. Num determinado momento, o médium teve um sobressalto. Perguntaram-lhe o que ele via e ele respondeu: “Parecia-me que via um urso, mas era só um cão. Ele pulou no círculo de repente, apoiou as patas da frente nos joelhos do senhor Ford e o lambeu”. Em seguida, uma descrição minuciosa do cão que tinha lhe aparecido correspondia exatamente àquela de meu cão pastor. O médium concluiu dizendo: “Ele tinha um focinho que parecia sorrir”. Este detalhe também se adaptava bastante a meu cão. Quanto a mim, não duvido em nenhum momento da identidade do animal que apareceu.”

Neste fato, a premonição de morte pelo animal é menos interessante que nos casos precedentes, visto que ela se produziu apenas 12 horas antes do falecimento, no momento em que o velho já sabia que estava morrendo. Estas circunstâncias não impedem, no entanto, que haja, exatamente como nos outros casos, uma percepção de morte iminente do cão; há, além disso, o emocionante episódio do falecimento do animal após uma profunda dor.

O último incidente da aparição do cão ao longo da sessão mediúnica, dez anos depois de sua morte, transforma este relato num caso de transição entre a presente categoria e a seguinte, onde trataremos dos casos de aparições identificadas de fantasmas de animais.

Na minha coletânea dos fatos não encontramos outros exemplos de premonições de morte pelos animais, o que não significa de forma alguma que as manifestações desse tipo sejam raras, mas somente que esquecemos até então de coletá-las. O que contribui para mostrar isto é que, quando fazemos alusões aos

fatos desse tipo nos meios populares, têm-se quase sempre relatos análogos de manifestações. Estes últimos, infelizmente, são contados de maneira tão vaga ou são passados por tantas bocas que não podemos incluí-las numa classificação científica.¹⁵ Segue daí que, embora tudo contribua para provar a realidade das manifestações em questão, seria, todavia, prematuro discuti-las; o exame delas será oportuno somente no momento em que conseguirmos acumular uma quantidade suficiente de materiais brutos dos fatos, de modo que possamos analisá-los, compará-los e classificá-los segundo um método rigorosamente científico.

Apoiamos os direitos autorais.
As páginas desta obra que estás a ler em formato digital, são apenas um excerto para efeitos de divulgação de informação e conhecimentos que consideramos importantes estarem acessíveis ao maior número de pessoas, pois sem Conhecimento, Educação e Sabedoria não existe evolução das sociedades.

Se estás a gostar deste livro, por favor apoia o seu criador e as entidades que apoiam a sua distribuição, adquirindo uma versão original.



umanovatterra.pt